

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

MIRELLI ARANTES SILVA FERREIRA

**TENDA CORAÇÃO DE JESUS: FIOS E RASTROS DA UMBANDA NA
CIDADE DE UBERLÂNDIA**

**UBERLÂNDIA – MG
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

MIRELLI ARANTES SILVA FERREIRA

**TENDA CORAÇÃO DE JESUS: FIOS E RASTROS DA UMBANDA NA
CIDADE DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

UBERLÂNDIA – MG
2019

MIRELLI ARANTES SILVA FERREIRA

**TENDA CORAÇÃO DE JESUS: FIOS E RASTROS DA UMBANDA NA
CIDADE DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Prof.a Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

Prof. Ms. Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira

UBERLÂNDIA – MG
2019

*Para Enzo, a forma viva do meu amor
Para o Preto Velho Pai João da Bahia, meu mentor... meu guia*

AGRACECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade da vida.

Agradeço a minha mãe Maria Irene, ao meu pai Wilson e aos meus irmãos: Wilson Jr, Dircirene e Kaína pela amizade de sempre e pela parceria nessa vida.

Agradeço ao meu esposo Fausto pelos anos de apoio e entendimento. Agradeço ao meu amado filho Enzo por trazer luz e felicidade a minha vida.

Agradeço as grandes mulheres de minha vida, minha bisavó Irene Rosa e minha avó Maria do Rosário pelo grande legado da Umbanda deixado em minha vida. Obrigada Família Arantes.

Agradeço a Umbanda, a Tenda Coração de Jesus por ser esse lugar de aprendizado, amor, carinho e fé. Nesse lugar encontrei paz e amigos. Entre tantos, especialmente ao Robson Pereira da Silva.

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia, pelos anos de aprendizado, pelas novas descobertas e possibilidades alcançadas. Agradeço aos professores do Instituto de História, ao PIBID que me possibilitou vivenciar momentos em busca de minha formação profissional. Ao projeto mulheres de fé e de festa que me fez mergulhar ainda mais no universo feminino da religiosidade. Ser cotista em uma universidade pública e de qualidade como a UFU foi muito além de todas as minhas expectativas e sonhos.

As amigas de curso Bruna, Thaís e Thuanne pelo apoio e carinho nessa longa caminhada.

Em especial agradeço ao meu orientador Florisvaldo pela confiança e paciência quem nunca desistiu de mim e nem deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar o que foi escrito por pesquisadores e estudiosos nacionais e estrangeiros sobre a Umbanda. Sendo sempre alvo de questionamentos e inquietações muitos intelectuais se debruçaram sobre o vasto campo de estudo umbandista. Este estudo começa com o desdobramento da religião cabula bantu nagô até o mito fundador com Zélio Fernandino de Moraes.

Uma série de pesquisadores irão buscar uma legitimação para a Umbanda através da escrita de livros e assim representar a religião como sendo intelectualizada e progressista. Com todas essas análises é possível também classificar a religião como sendo algo que está em constante mudança e movimento. No âmbito municipal na cidade de Uberlândia é analisado o que já foi escrito sobre o surgimento da Tenda Coração de Jesus nessa cidade.

Ao final, é descrito rastros e fios da memória da autora, onde se mostra fatos e acontecimentos dentro da Tenda Coração de Jesus, o primeiro terreiro de Umbanda da cidade de Uberlândia.

Palavras chave: Umbanda, Tenda Coração de Jesus, estudo

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Irene Rosa - Fundadora da Tenda Coração de Jesus.....	40
Figura 2: Fachada da Tenda Coração de Jesus.....	43
Figura 4: Alunos e professoras do Externato Coração de Jesus	44
Figura 5: Irene Rosa com autoridades locais.....	46
Figura 6: Vicente Arantes e Maria do Rosário.....	47
Figura 7: Roque Silva “Pai Roque”	48
Figura 8: Maria Irene – Atual zeladora da Tenda Coração de Jesus.....	49
Figura 9: Cerimônia Rosa dos Ventos	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 - CAPÍTULO I - OLHARES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A UMBANDA.....	11
1.1 – Quebra com o silenciamento do problema da raça pela cultura religiosa afro-brasileira.....	11
1.2 - Olhares sobre a umbanda o culto ar de orixás na e pela cidade de Uberlândia	21
1.3 – A formação da Umbanda na cidade de Uberlândia.....	29
2 - CAPÍTULO II - A ANCESTRALIDADE DA TENDA CORAÇÃO DE JESUS PELOS FIOS E RASTROS DA MEMÓRIA.....	34
2.1- O Exercício de relembrar (minhas) histórias: No chão do terreiro, minhas descobertas.....	35
2.2 – Mulheres de fé: narrativas e reencontros.....	39
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

Sou umbandista de berço, falar da Umbanda na cidade de Uberlândia me traz certo conforto e ao mesmo tempo me traz muitas expectativas. Tentar encontrar os rastros e fios que compõe essa história é o que motivou esse meu trabalho. Desde pequena sempre participava de inúmeros estudos feitos dentro da Tenda Coração de Jesus e já entendia desde cedo à importância dos mesmos.

No meu primeiro trabalho no curso de História, na Universidade Federal de Uberlândia, o tema era sobre cultura popular, me interessei em inscrever sobre a anual festa em louvor a Iemanjá que é realizada pela Tenda Coração de Jesus em Uberlândia. Não encontrei quase nada a respeito, nem nos sites da Prefeitura Municipal de Uberlândia, nem citações para o acontecimento da mesma, sendo que ela faz parte do calendário cultural da cidade desde 1991. Na minha própria sala perguntei para alguns alunos se já conheciam a Umbanda e a grande maioria disse que não.

Então, surgiu a vontade de escrever sobre essa religião. De onde ela surgiu, como e quando, investigando e tentando compreender a Umbanda através da historiografia existente. Ademais, observar confluências e dissonâncias da referida religião em Uberlândia.

Em aspectos gerais, a justificativa do tema se dá pelo fato de ainda hoje apesar do terreiro de Umbanda mais antigo de Uberlândia completar 72 anos, muitas pessoas da cidade ainda não conhecer e nem ouvir falar. Para isso, a leitura de autores que já se dedicaram a Umbanda foi muito importante. Um dado importante que de acordo com Cristhian Dany de Lima (2018, pg.82) foram catalogados em Uberlândia 218 locais de culto, das múltiplas religiosidades afro-brasileiras (sendo 126 terreiros de Umbanda). Todavia, essa pesquisa coloca de um lado as produções acadêmicas sobre a Umbanda e de outro lado coloca as minhas vivências e memórias.

Assim, busco identificar a partir de materiais historiográficos rastros para o surgimento da Umbanda. Procuro compreender como parte da historiografia brasileira observou e observa a religiosidade de umbanda. e analisar a historicidade do terreiro – Tenda Coração de Jesus, especialmente, trazendo para o centro da narrativa as figuras ancestrais que constituíram as sete décadas de trabalho espiritual, cultural e de

assistência social, na cidade de Uberlândia. Para tanto, analiso documentação, fotografias e jornais do acervo da Tenda Coração de Jesus.

Esta monografia divide-se em dois capítulos. No capítulo I, os olhares dos estudiosos sobre a Umbanda. Como essas pessoas olharam para essa religião que chamava atenção com o seu rápido crescimento. Autores como Nina Rodrigues, Roger Bastide e Renato Ortiz se interessaram e escreveram grandes obras sobre o surgimento da Umbanda no Rio de Janeiro e no Brasil. Já no âmbito local, destaco dois trabalhos de diferentes autores que também buscaram na Tenda Coração de Jesus embasamento para os seus trabalhos acadêmicos e de como essa casa teve seu destaque também no crescimento da cidade.

No capítulo II, trago as memórias e histórias vivenciadas na Tenda Coração de Jesus, um universo muito rico e familiar para mim. Pesquisar essa história contada durante gerações em minha família me trouxe novas descobertas. Os cheiros, os gostos foram revividos em minha memória. Sempre como é dito na Tenda Coração de Jesus que buscar o conhecimento é uma característica dos seres humanos e a Umbanda não poderia ficar de fora, pois a Umbanda é voltada para os seres humanos.

Anexo no decorrer do texto algumas fotos que ajudam a mostrar a importância política e social da casa.

CAPÍTULO I – OLHARES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A UMBANDA

Historicamente, a Umbanda foi abordada, enquanto objeto das ciências humanas e sociais, sob diversas perspectivas por meio de vários pesquisadores, buscamos apontar aqui um pouco do que foi escrito acerca dessa religiosidade afro-brasileira. A Umbanda já foi objeto de pesquisa para muitos autores, especialmente a partir de 1940. Assim, configurou-se uma determinada historiografia acerca dessa religião e suas práticas de culto heterogêneas que, segundo José Henrique Motta de Oliveira, divide opiniões acerca da relação complexa entre prática sistematizada pela escrita intelectual, em processos de legitimação pela perspectiva cultural, versus a dimensão de saberes e fazeres orais com “as regras simbólicas orientadoras do agir coletivo” (OLIVEIRA, 2017, p.23). A partir dessa perspectiva, esse capítulo visa compreender como parte da historiografia brasileira observa a religiosidade de Umbanda e produz determinadas representações acerca dessa prática religiosa, observando ainda as confluências e dissonâncias da referida religião em Uberlândia, por meio da historiografia local.

1.1– Quebra com o silenciamento do problema da raça pela cultura religiosa afro-brasileira

O intelectual e médico maranhense, Raimundo Nina Rodrigues, teve como prerrogativa de pesquisa a investigação acerca do negro no Brasil, sobretudo, a partir das tensões da “evolução das raças”, entre o dito primitivo e o civilizado (branco) em fatores sociológicos e psicológicos de anomalia que subjugou populações negras que, segundo autor não era correspondente ao anormal, mas sim ao atraso. “Nesta chave de leitura, Nina Rodrigues entende que a mistura entre povos de diferentes graus evolutivos colocaria em xeque a “saúde mental” da sociedade brasileira como um todo” (ROSSI, 2011, p.151). Esse tipo de estudo emergiu, especialmente entre a tensão do pós-abolição e a passagem do regime imperial para o republicano que, como aponta Rossi (2011), demandava uma realocação do homem negro como cidadão e não como mola da máquina de trabalho e, assim:

“recriar um sistema de categorias explicativas que, já permeadas pela retórica liberal e republicana, dessem conta de certos preceitos de igualdade no plano individual e, ao mesmo tempo, justificassem teoricamente as evidentes desigualdades entre os homens?” (ROSSI, 2011, p.149).

Para Nina Rodrigues, a religiosidade afro-brasileira depunha contra a suposta “civilidade das elites governantes” (ROSSI, 2011, p. 153), o que se caracterizaria em uma primeira referência de resistência racial, especialmente a truculência aos candomblés na Bahia de então, conta a qual veementemente o autor de “Os Africanos no Brasil” se posicionou:

“Em que direito se baseia, pois, a constante intervenção da polícia na abusiva violação dos templos ou terreiros africanos, na destruição dos seus ídolos e imagens, na prisão, sem formalidades legais, dos pais de terreiros e diretores de candomblé? [...] Esses atos, que não podem deixar de revoltar os espíritos educados no sentimento da justiça, [...] revelam apenas um estado rudimentar de senso jurídico, tomado diretamente às raças inferiores que colonizaram o Brasil e cujo sangue corre ainda quente e abundante nas veias de muitos executores de tais violências [...] Delas, o móvel mais imediato é o estúpido terror do feitiço e das práticas cabalísticas; mas a forma do atentado, essa nasce da incapacidade em que está a nossa polícia judiciária de sentir o respeito aos direitos individuais e do seu menosprezo inconsciente pelas formas reguladoras do processo que, nos povos civilizados, desposa a intervenção da lei, dos caracteres de uma violência pessoal dos seus executores, como ela ainda se conserva nas gentes incultas [...] A ação da nossa polícia não faz mais do que reproduzir, com todo o rigor, a prepotência cega, apaixonada e violenta dos pequenos potentados e régulos africanos”. (RODRIGUES, 1932, pp. 365-366)

Ainda na década de 1930, Arthur Ramos, no livro “*O Negro Brasileiro*” de 1934, a partir de seu interesse acerca dos “padrões de continuidade das culturas africanas no comportamento dos negros brasileiros” (ROSSI, 2011, p. 25), buscou sistematizar a mítica bantu chamada de macumba, a fim de suprir as lacunas deixadas nas pesquisas de Raimundo Nina Rodrigues¹ sobre o candomblé baiano e a questão da relação entre o negro e a sociedade, sendo uma articulação investigativa entre religião e raça. Trata-se

¹Intellectual, médico maranhense, que teve como prerrogativa de pesquisa a investigação acerca do negro no Brasil, sobretudo a partir das tensões da “evolução das raças”, entre o dito primitivo versus o civilizado (branco) em fatores psicológicos de anomalia que subjugou populações negras que, segundo autor não era correspondente ao anormal, mas sim ao atraso. “Nesta chave de leitura, Nina Rodrigues entende que a mistura entre povos de diferentes graus evolutivos colocaria em xeque a “saúde mental” da sociedade brasileira como um todo.” (ROSSI, 2011, p.151). Esse tipo de estudo emergiu, especialmente entre a tensão do pós-abolição e a passagem do regime imperial para o republicano que, como aponta Rossi (2011), demandava uma realocação do homem negro como cidadão e não como mola da máquina de trabalho e, assim, “recriar um sistema de categorias explicativas que, já permeadas pela retórica liberal e republicana, dessem conta de certos preceitos de igualdade no plano individual e, ao mesmo tempo, justificassem teoricamente as evidentes desigualdades entre os homens? Para Nina [a religiosidade afro] depunha contra a suposta “civilidade” das elites governantes” (ROSSI, 2011, pp.152-153). Cf.: RODRIGUES, Raimundo Nina, *Os Africanos no Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1932, p.366.

da década de 1930, momento da política em que o negro passa ser um elemento valorizado no tocante a uma simbologia nacional².

Apesar da lentidão e da falta de interesse que caracterizou a primeira fase do processo de pesquisa sobre o negro no Brasil, pois, – após a morte de Nina Rodrigues veio também um outro momento de silêncio, que foi rompido por seu discípulo Arthur Ramos –, os estudos sobre o negro diversificaram-se principalmente nos anos 50. Do negro visto historiograficamente através do tráfico, da escravatura e da abolição, ou apenas biologicamente através das diferenças físicas e como produtor de uma cultura diferenciada, passou-se a encará-lo como um problema social sujeito a uma análise sociológica dentro do discurso antirracista da época. (MUNANGA, 2002, pp.01-02)

Dessa maneira, no romper do silêncio, o referido autor não se delimita a religiosidade jejê-nagô, mas sim a identificar as práticas ritualísticas bantu angolenses não apenas como uma vulgarização do candomblé, mas enquanto aspectos de sobrevivências das africanidades na cultura religiosa suburbana de Niterói, no Rio de Janeiro. Sendo assim, na sua obra começam a emergir as primeiras sistemáticas do que se conhece por Umbanda, inclusive não enquanto modalidade religiosa, mas enquanto práticas derivativas do que ocasionava na década de 1940, como quimbanda.

E a macumba carioca, portanto, pode bem ter se organizado como culto religioso na virada do século, como aconteceu também na Bahia. Não vejo, pois, razão para pensa-la como simples resultante de um processo de degeneração desse candomblé visto no Rio no fim do século por João do Rio, essa macumba sempre descrita como feitiçaria, isto é, prática de manipulação religiosa por indivíduos isoladamente, numa total ausência de comunidades de culto organizadas, Arthur Ramos fala de um culto de origem banto no Rio de Janeiro na primeira metade do século, cultuando orixás assimilados dos nagôs, com organização própria, com a possessão de espíritos desencarnados que, no Brasil reproduziram ou substituíram, por razões óbvias, a antiga tradição banto de culto aos antepassados (Ramos, 1943, v.1, cap. XVIII). São cultos muitos assemelhados aos candomblés angolas e de caboclos na Bahia, registrados por Edison Carneiro, que já tratava como formas degeneradas (Carneiro, 1937). (PRANDI, 1999, pp. 52-53).

²“o modo como este elemento recém valorizado na formação da nação, “o negro”, se convertia num móvel de disputa entre distintos modelos de intervenção: não apenas aqueles modelos formalizados por intelectuais, cujos trabalhos traziam a chancela do Estado e de suas instituições médicas, educacionais, correcionais e policiais, mas também modelos que passavam a reivindicar os segmentos afro-brasileiros, ainda que no plano simbólico, como objetos de interesse doutrinário e ideológico por parte dos grupos da cena política da época, a exemplo dos comunistas, integralistas e do próprio movimento negro nascente”(ROSSI, 2011, p. 155).

Edison Carneiro³ segue uma linha de pensamento próxima de Arthur Ramos, em que se considera que existe uma vulgarização dos cultos da Umbanda e da “macumba”, quando comparados com o candomblé. O autor analisou que havia uma predominância de aspectos da religião nagô entre os escravizados e isso teria ficado mais evidente quando os negros ocuparam as cidades e começaram a trabalhar. Com o dinheiro, mas sem a liberdade, eles fundavam irmandades e passaram a viver sem a ordem dos senhores. Carneiro aponta que havia semelhança entre o candomblé de caboclo ao ritual jejê-nagô. A manifestação desses caboclos teria sido permitida pela influência bantu. Em 1937, no livro “Negros Bantus”, Carneiro analisa que a denominação “Candomblé de caboclo”, tenha sido um pouco precipitada porque foi dada para facilitar o estudo. Em 1948, ele analisa o processo de extensão do ritual jejê-nagô chegando no Sudeste nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A influência bantu foi importante para a aproximação do culto aos ancestrais, ao espiritismo estaria ligado aos escravos dançarem jongo. Uma semelhança entre macumba e a Umbanda seria cultural além dos orixás jejê-nagô aos ancestrais africanos denominados pretos velhos e caboclos que são os ancestrais indígenas, no entanto haveria uma nítida distinção de classe.

Para Roger Bastide, a umbanda seria a religião síntese que conseguiu conservar as tradições afro-brasileiras através de interpretações promovidas por um grupo de intelectuais orgânicos. Defende que houve um movimento recíproco de embranquecimento das religiões africanas e de empobrecimento do espiritismo, resultado das transformações socioeconômicas. Explica o conceito de legitimação derivada da sociologia de Weber que se desenvolve com três formas de denominação: racional, tradicional e carismática. Apesar do ponto de vista da racionalização o

³ O baiano Edison Carneiro era jurista, engenheiro, jornalista, poeta, jurista e folclorista dedicou-se aos estudos sobre a população negra no Brasil, especialmente acerca das religiosidades afro-brasileiras. Realizou, em 1937, o 2º Congresso Afro-Brasileiro, na cidade de Salvador, pelo qual foi possível a criação da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia. “Publicou diversos livros e artigos de periódicos nas áreas da etnologia e do folclore, da história e até da literatura. Entre os quais podem ser destacados: *Religiões negras: notas de etnografia religiosa* (1936); *Negros bantus* (1937); *O quilombo dos Palmares* (1947); *Trajectoria de Castro Alves* (1947); *Candomblés da Bahia* (1948); *Antologia do negro brasileiro* (organizador, 1950); *O folclore nacional, 1943-1953* (1954); *A cidade do Salvador: reconstituição histórica* (1954); *O negro brasileiro* (1956); *Decimália: os cultos de origem africana no Brasil* (1959); *A insurreição Praieira, 1848-1849* (1960); *Folclore in Brazil*, tradução de *Evolução dos estudos de folclore no Brasil*, com texto também em francês e alemão (1963); *Ladinos e crioulos: estudo sobre o negro no Brasil* (1964); *Dinâmica do folclore* (1965); *A sabedoria popular do Brasil: samba, batuque, capoeira e outras danças e costumes* (1968); *Folguedos tradicionais* (1974); *Capoeira* (1975).” Cf.: GASPARD, Lúcia. *Edison Carneiro. Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

conceito de legitimação se baseia em Peter Berger e Thomas Luckmann(2012).Eles consideram que a legitimação se realiza a partir do momento que surgem explicações para a ordem institucional inferindo-lhe valor de conhecimento aos seus significados mais diretos.

O autor analisou o discurso dos intelectuais e notou que este se desenvolverá em três vertentes: discursos sobre antiguidade da religião, onde a literatura umbandista que tentavam buscar um passado mais digno como a Índia ou ao continente da Lemúria. O discurso científico usado pelos intelectuais sobre a herança kardecista é que o espiritismo não seria somente uma religião, mas, também uma ciência que revelaria as leis do mundo espiritual e material e, por fim o discurso cultivado que também seria a legitimação ao conhecimento erudito e que se usa de mecanismo igualmente erudito para se manifestar quanto mais o fiel cultivar o hábito de ler, maior o êxito do movimento decodificação da nova religião. Esse discurso enquanto demarcação de saber escrito colocaria a Umbanda em oposição aos demais cultos afros, pois, o candomblé é um conjunto de falas e gestos que são transmitidos através de gerações por meio da convivência no terreiro, entre o filho e o pai de santo. Se o candomblé apresenta a ausência de escritos teológicos, na umbanda essa literatura ganhou força. O livro seria a marca do saber cultivado e da intelectualidade. Ortiz percebeu que os umbandistas estavam preocupados em construir uma religião racional com códigos únicos, e isto, levou a burocratização e a institucionalização do culto.Foram fundadas federações com o objetivo de intermediar o diálogo entre os templos filiados com o governo, a fim de estar amparados legalmente contra qualquer tipo de repressão.Depois realizaram o ICongresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941)em forma de unificar o culto.Para conseguir conquistar esse mercado sagrado deveria haver essa homogeneização de modo que pudessem se referir a uma marca umbandista.Essa ideia não foi bem aceita, pois, muitos pais de santo se opuseram a tal dominação das federações, pois, preferiam seguir os ritos mais africanizadas.

Candido Procópio Ferreira Camargo, vem na mesma linha de raciocínio de Roger Bastide que vê a Umbanda como integracionista, juntando o branco kardecista e o negro umbanda, essa junção deu o nome de “continuum mediúnico” e o observou de duas maneiras. Na perspectiva subjetiva entendeu que na umbanda e no kardecismo tinham uma vivência espiritual unificada. A perspectiva objetiva o “continuum” se manifesta quando o kardecismo penetra na Umbanda modificando suas práticas. No candomblé ocorre à possessão dos orixás, já na umbanda a partir disso se vê a

aproximação dos espíritos aos orixás. Estabelecendo na umbanda que cada orixá corresponde a cada linha de Umbanda, estabelecendo adaptações à estrutura dessa religião.

Georges Lapassade e Marco Aurélio Luz, seguidores de Marx e Freud, propõem uma nova leitura dos cultos afro brasileiro como uma libertação. Representaria a luta de classes do ideal marxista pela resistência da escravidão se refugiando nos quilombos. Lapassade divide o livro “O Ritual da Meia-Noite” em duas partes, explica o caráter social contido na macumba, tendo a favela como o lócus. A favela como um lugar de resistência. Para os autores, a quimbanda é a volta do oprimido. Em seu caráter nacionalista a umbanda acabará promovendo a integração da quimbanda ao ideal de cultura mestiça que no final representará a hegemonia do poder branco. Na segunda parte, Luz analisa a religião enquanto “aparelho ideológico de estado”, que a umbanda é o retrato brasileiro que usa as suas próprias leis de ocultação e invenção das classes sociais, como por exemplo as imagens nos altares que em sua maioria são de santos católicos. Exú⁴ não tem lugar no altar. Enquanto os orixás trabalham para a lei, o Exú simboliza a entrega aos desejos carnis. Luz analisa a existência de dois tipos de terreiro, sendo o do asfalto e o do morro. O asfalto seria com o Exú batizado trabalhando pela lei e do morro Exú seria o anarquista.

Maria Helena Villas Boas Concone, como ponto de partida enxerga Umbanda como Roger Bastide que a Umbanda inicia na macumba pela introdução do culto aos orixás⁵ nagô na cabula bantu ligada às práticas indígenas e do catolicismo popular. Corresponderia ao desejo de ascensão social dos menos favorecidos. Cita o umbandista Armando Cavalcante Bandeira e analisa as classificações das práticas religiosas entre três perspectivas: a primeira consiste na umbanda espírita que seria uma fase intermediária entre Umbanda e kardecismo, a segunda seria uma umbanda ritualística não usa instrumentos de percussão, influencia do caboclo Mirim sobrepõe a influência indígena a africana e por fim uma umbanda rítmica que usa os atabaques, tendo essa última uma maior influência do candomblé.

4 Exú: No candomblé, Exu é um dos maiores orixás (um tipo de divindade). É uma espécie de mensageiro, que faz a ponte entre o humano e o divino e muitas vezes é descrito como sendo travesso, fiel e justo. Na Umbanda Exu sempre está ligado à vitalidade, à força, à proteção e à aplicação da lei em seus domínios espirituais. Disponibilizado em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-um-exu/>. Acesso em 10/07/2019

5 Orixás: designação genérica das divindades cultuadas pelos iorubas do Sudoeste da atual Nigéria, e tb. de Benin e do Norte do Togo, trazidas para o Brasil pelos negros escravizados dessas áreas e aqui incorporadas por outras seitas religiosas

Em sua obra analisa a possessão revisando bibliografias. O transe no contexto religioso pode ser obtido com jejum e autoflagelação, pelo tabaco ou bebidas ritualísticas e com ajuda de música ou dança. Na Umbanda a possessão vem acompanhada de outros comportamentos. Buscou-se entender a relação entre o transe de possessão e as várias mediunidades (consciente, inconsciente, vidente ou audiente). Apesar da expectativa de quem nunca viu uma gira, pois, espera que algo demoníaco aconteça. Há esse preconceito por falta de conhecimento, ao final a autora interpreta Umbanda como uma religião brasileira porque vem sendo construída a partir de circunstâncias históricas peculiares ao grupo social que a professa.

Yvonne Maggie, rompe com os estudos anteriores, pois, considerava-os permeados de perspectivas evolucionistas e de raciocínio teológicos, que buscavam explicar no africanismo suas origens e explicar o sincretismo apesar das críticas. Maggie não nega a contribuição dos autores anteriores a ela. Abandonou as análises que consideravam os terreiros como meras atualizações de um discurso religioso. Pesquisa uma tenda e se coloca como peça do drama e passa a analisar as pessoas envolvidas na organização do terreiro. Analisou que o terreiro tinha o nome de Tenda Espírita Caboclo Serra Negra, no entanto, não praticava o espiritismo kardecista, os membros se classificavam como umbandista. Foi observado o conflito entre os dois membros do terreiro: o pai de santo e o presidente, um representante dos códigos dos santos e o outro do burocrático. O conflito entre eles foi classificado como demanda. A demanda seria uma magia que vem de quem tivesse mais força para acionar as energias ocultas ao seu favor.

Diana Brown estuda a Umbanda partir de 1930 ao golpe de 1964 numa perspectiva sócio política. A autora reconhece em Zélio Fernandino de Moraes o mito de origem. Segundo Brown, seus seguidores eram de classe média, brancos e espíritas entediados com as sessões kardecistas, pois, julgavam as sessões kardecistas mais elitizadas e as sessões de “macumba” mais estimulantes. Os aspectos de umbanda praticada por esse grupo persistem como características definidoras até os dias de hoje. O culto de caboclos e pretos-velhos para pessoas onde os mesmos solucionam seus problemas. A autora analisa a ênfase moral nas formas benevolentes de caridade. No viés político, os umbandistas sofreram perseguições durante o Estado Novo, por isso, se organizaram e fundaram as federações que ofereciam serviços jurídicos e também faziam alianças com políticos. A clientela umbandista pelo número de pessoas era

visada pelos políticos. Nesse período houve um grande crescimento do registro de tempos e a umbanda foi reconhecida como uma religião.

Lísias Nogueira Negrão apresenta em seu trabalho um novo princípio que é a magia como um princípio ético em sua obra “Entre a cruz e a encruzilhada”, dedicou ao estudo da Umbanda durante vinte anos com as mais variadas fontes. Sendo que a mesma foi organizada em dois níveis, um chamado memória e o segundo como história. No primeiro nível a religião é vista sob a ótica do outro, pois, são notícias de jornais com informações sobre práticas religiosas de origem africanas. O autor também levantou o registro de cartórios. Analisou a hegemonia dos kardecistas nos registros do cartório até 1950, depois analisou o aumento do número de terreiros de umbanda. A partir de 1970 constatou uma queda nesses registros e o crescimento de casas de candomblé. No segundo nível temos a análise de documentos que foi produzido pelos umbandistas e o autor pode observar momentos de grande importância, como o surgimento das federações. Na década seguinte, a pesquisa se pautou nos movimentos de legitimação em respostas aos seus detratores. A imprensa conservadora que criticava a umbanda e desqualificando-a. Contra esses ataques foram realizados o II Congresso Nacional e o I Congresso Paulista, que tentavam buscar a codificação doutrinária da Umbanda. As festas umbandistas a partir de 1964, passaram a fazer parte dos calendários turísticos regionais, como a festa de Iemanjá no Rio de Janeiro. Nesse mesmo período houve uma aproximação do catolicismo com a Umbanda e a imprensa abrandou a fala sobre o crescimento da religião. O autor continua falando do estudo do desenvolvimento da Umbanda no período da década de 1970 e os vínculos firmados entre as federações, os cultos afro e o governo. Na década seguinte houve uma queda nesse crescimento surgindo uma nova oposição pelos grupos pentecostais (igreja universal).

O autor também observou 87 terreiros, sendo 29 de classe média, 38 de classe inferior e 20 de periferia. Afirmando que a classe média foi importante para a gênese da Umbanda e que continuam contribuindo para seu desenvolvimento o queo aproxima de Brown e Ortiz. Negrão observou as giras nos terreiros e constatou que os terreiros de classe média eram os mais estáveis de que os de classe inferior e de periferia. Isto, por vários fatores passavam por mais dificuldades como por exemplo, pagar aluguel, despesa com água e energia elétrica. De acordo com o autor, as federações exerciam pouco poder sob seus associados, sendo lembradas somente como “despachantes” e para obter vantagens como cursos e assistência jurídica, ou a cessão de espaços para eventos. As federações tentaram padronizar o culto, todavia, não conseguiram. Diante da análise

da cosmogonia e da ética da religião o autor nos mostra a tensão entre os terreiros e o que eles praticavam e as propostas das federações. A tradição oral é muito importante no ensino da religião apesar de se ter muito livros sobre umbanda, o autor traz referências de entrevistados dizendo da importância da leitura, no entanto, devendo tomar cuidado. Diferente de Ortiz, o autor percebe que o processo de racionalização só é alcançado com a produção de livros dos intelectuais de umbanda e que esses livros são pouco lidos. O reconhecimento da ciência estaria mais específico quando somente o atendimento religioso não surte sem efeito e assim quando as entidades mandam os fiéis procurarem um médico ou um advogado. O autor fala da fé e da obediência do fiel nos princípios morais e éticos, pois, assim não haveria a ineficácia dos pedidos feitos a Deus. O “mal” e o “bem” são tratados de outra forma diferente do que em outras religiões. As entidades da direita fazem o bem e os da esquerda⁶ fazem tanto o bem quanto o mal, pois os espíritos malévolos podem fazer o mal e serem doutrinados e evoluir para o bem.

Emerson Giumbelli o autor traz em sua obra “O cuidado dos mortos” (1997), começa pesquisando a umbanda através do espiritismo. De acordo com o autor Camargo, Giumbelli também apresenta Umbanda pela noção do “continuum”, depois acrescenta em seu trabalho a hipótese de Bastide de que haveria um tipo de espiritismo para cada estado social, por isso, ocorreria entre a classe alta a transformação da filosofia kardecista em ciência. Na classe média, se formou o espiritismo religioso que era composto por igrejas e centros espíritas que eram capazes de se organizar de acordo com os principais princípios kardecistas. E a classe baixa se forma o “espiritismo de umbanda”, uma religião que não seria bem organizada e que buscava mais a solução dos problemas do cotidiano como: doenças, amor e dificuldade financeira. E nessa perspectiva a Umbanda aparece para Giumbelli como “baixo espiritismo”.

O autor volta sua atenção para origem da religião no Rio de Janeiro, apesar de muitas referências sobre a origem da Umbanda, o autor o vê Brasil como o lugar de origem dessa religião, o nome de Zélio de Moraes em destaque.

⁶ Entidade: No campo da Umbanda e religiões afro-brasileiras, uma entidade é um espírito que atingiu uma certa evolução espiritual e que tem permissão para se comunicar com os seres humanos através de médiuns, exercendo o papel de conselheiro e orientador. Na Umbanda, entidades de direita seriam os pretos velhos (espíritos de negros africanos) caboclos (espíritos de indígenas brasileiros), erês (espíritos de crianças). Entidades de esquerda seriam os Exús que fazem tanto trabalhos para o bem, quanto pra o mal (o mal seria trazer as doenças, tirar o emprego e até a morte das pessoas).

O autor encontrou tal referência no livro do umbandista Alves de Oliveira, “Umbanda Cristã e Brasileira”. Neste livro, temos a história de Zélio que seria um jovem de 17 anos que foi acometido por uma doença inexplicável. Por isso, o rapaz é levado a uma sessão espírita onde o espírito se identificou como sendo o Caboclo das 7 encruzilhadas e sendo ridicularizado pelo presidente da federação. A entidade anunciou a todos os presentes que daria início a um novo culto onde espíritos de caboclos e índios poderiam deixar suas mensagens e assim cumprir a sua missão.

Iniciou-se uma pesquisa mais aprofundada e constatou que a doença de Zélio na realidade seriam ataques de origem espiritual. Logo Giumbelli encontra pontos a serem discutidos como a rejeição dos kardecistas em não deixar que esses espíritos de africanos e índios chegassem às sessões. Zélio de Moraes seria um ponto de ruptura com o kardecismo, a partir disso, abre uma casa de origem espiritual para orientação, a casa chama Tenda Nossa Senhora da Piedade. Giumbelli confronta narrativas umbandistas com as pesquisas de Diana Brown e Renato Ortiz. Daiana apresenta uma versão para fundação da Umbanda que foram baseadas nas entrevistas com o próprio Zélio. As divergências foram baseadas em detalhes históricos como a data e o local da suposta fundação. Brown questionava tal detalhe, porém não nega que Zélio não tenha fundado a Umbanda e reconhece que seu relato era convincente no sentido de explicar toda a história.

Entretanto, Ortiz (1991), o autor vê que ele optou por uma perspectiva multicêntrica acerca das origens da Umbanda e também reconhece a iniciativa de Zélio de Moraes e, conclui que o mito fundador da Umbanda teria sido uma “construção tardia”, pois, os livros que relataram Zélio dessa maneira seriam posteriores da década de 60. Pesquisou várias bibliografias de 1939 a 1960 e nada será encontrado sobre Zélio, somente algumas publicações, mas, sem algum destaque nos movimentos federativos da época. Sua investigação continua e o autor encontra nos arquivos do Jornal de Umbanda que divulgava as atividades da União Espírita do Brasil e dos templos filiados e localiza alguma referência a Zélio e atenda mantida por ele. O jornal registrou uma festa na Tenda Nossa Senhora da Piedade em 1954, onde o presidente da federação deu atenda o título de filiado número um. Zélio nesse ano começou a ocupar um cargo de inspetor para supervisionar os filiados.

Em 1957, Zélio recebe o título de “decano dos babalaôs⁷ de umbanda da União”, e em 1958 o diploma de honra ao mérito Zélio de Moraes será trazido à frente

de cena no início de 1970 por iniciativa do conselho deliberativo de umbanda por adotarem o dia 15 de novembro como o dia nacional de umbanda. O autor em um estudo mais recente investiga a recusa da África no discurso dos primeiros umbandistas, principalmente como tentam esconder a “magia” e a “feitiçaria”. Concluiu de duas formas, a primeira que nas bibliografias nas viradas do século XIX e XX o predomínio de teorias que reconhecem no candomblé baiano uma pureza, enquanto que no Sudeste haveria uma mistura. A segunda seria a forte influência do kardecismo no Sudeste principalmente no Rio de Janeiro, magia, espíritos e sortilégios, estariam previstas como crime no código penal de 1891, então, muitos não queriam ser associados a isso. Nesta perspectiva o “baixo espiritismo” foi apresentado por “feitiçaria” e “macumbaria” e é a influência kardecista que traz esse parâmetro da “verdade”. A África fora apresentada como um local de passagem para as tradições orientais para se chegar ao Brasil. Os aspectos rudes e grosseiros dos africanos foram considerados pelos pioneiros de umbanda como os mais adequados para se combater a magia negra e que por mais que eram considerados atrasados, mas, eram bons assim reconhecer o papel positivo que poderiam desempenhar e com isso valorizaram as entidades caboclos e pretos velhos para destacar a formação diversa do Brasil.

1.2 - Olhares sobre a umbanda o culto ar de orixás na e pela cidade de Uberlândia

Este trabalho traz abordagem do que é a Umbanda e de como foi a sua constituição dentro da cidade de Uberlândia nas décadas de 1930/1940 e 1990/2000. O autor inicia relatando que até então o bairro Martins era um lugar onde se habitavam os trabalhadores e a comunidade negra. Dentre as culturas existentes nesse bairro, é identificada a religião Umbanda. Irene Rosa foi reconhecida como a fundadora da Tenda Coração de Jesus e teve sua história relatada pela sua neta Maria Irene. Irene Rosa foi uma grande influenciadora, tanto no seu meio quanto nas articulações políticas. Essa relação entre a Umbanda e o poder público mostra que durante muitos anos existem essa relação de ligação que permitiu a fundação de mais de 250 terreiros.

7 Babalaô: Babalaô significa ‘Pai do Segredo’ e é uma nomenclatura dada apenas aos Sacerdotes de Ifá. Pai de Santo, é Babalorixá. Disponível em: <<https://www.raizesespirituais.com.br/babalao/>> Acesso em 10/07/2019

É impressionante a quantidade de terreiros em comparação as igrejas católicas, evangélicas e centros kardecistas, no entanto, isso não significa que as casas de Umbanda tenham visibilidade no cenário político da cidade. O autor ainda relata que na cidade existem encontros e cerimônia, contudo sem a presença de umbandistas em eventos públicos o que ao contrário de outras religiões. O que é relatado pelos seus entrevistados é que existe uma exclusão, onde os umbandistas não poderiam levar seus saberes para cidade. Apesar de que através das entrevistas o autor consegue identificar a presença de ilustres autoridades como o Senhor Odelmo Leão e o Senhor Virgílio Galassi dentro dos terreiros. Isso demonstra que os grupos estariam mais próximos do poder público do que se possa presumir. O autor através dessas perguntas lança uma problemática de como os praticantes se fazem presente na e pela cidade e se ora estão afastados, ora estão próximos dos políticos, ora apoia a prefeitura, ora destrata e crítica.

Neste universo umbandista, os fiéis encontram o espaço para vivenciar momentos, sentimentos e cultura, lidam com isso no cotidiano das relações como sujeitos sociais. A religiosidade é uma forma de resistência, onde lutam, rezam, confraternizam, se casam, compartilham almoços, alegrias e tristezas. Dentro de um terreiro não existe regra social e como dito anteriormente, é possível identificar a presença do senhor Virgílio Galassi ajoelhado diante de uma mãe de santo, negra e pobre. As relações sociais são diferentes das exercidas na sociedade, onde diferentes grupos sociais se relacionam, essas diferenças não são sinônimos de desordem, já que o zelador é reconhecido como mediador entre o mundo físico e o mundo espiritual. O autor consegue apontar que dentro desses terreiros não existem privilégios, todos os envolvidos são tratados e trabalham de maneiras iguais, o que pode ser diferente é a condução dos rituais. O autor faz referência aos nomes dados às casas que em sua maioria se funde com nomes cristãos, como a própria Tenda Coração de Jesus que tem uma clara relação com o símbolo católico sagrado Coração de Jesus. É identificado também que a Tenda Coração de Jesus, fundada por mãe Ireninha também era um lugar político onde os adeptos se organizavam em busca de alternativas melhores de vida.

Mãe Ireninha não obrigava as pessoas a serem umbandistas como não negava auxílio aos que buscavam o apoio da Tenda Coração de Jesus, seja ele buscando um abrigo para as crianças, buscando alimento ou curando enfermos de outras cidades. A Tenda Coração de Jesus foi um importante espaço de fé e de diálogo para trabalhadores daquela comunidade e cidade. A Tenda é baseada na estrutura familiar de pais para

filhos, porém é um lugar que auxilia a todos que precisam, é um lugar de boa convivência e integração de valores e condutas de união. O autor busca refletir como esses grupos dialogam com a cidade ao longo do tempo e de como Uberlândia rotulou esses terreiros. Problematiza como Umbanda a partir de uma só casa chegou a mais de 250 terreiros. Como o terreiro passou a ser um local de luta e resistência e não mais apenas o local de fé. Outro ponto abordado pelo autor é que de um tempo para cá a Umbanda sofreu uma importante transformação que é a da comercialização da fé, também é abordado o aprendizado através da oralidade ou ensinamento que se é passado através das gerações. O uso da "memória" para se contar a história. No entanto, frisa que é preciso ter cuidado para se trabalhar com memória, pois, é necessário reconhecer as relações sociais estabelecidas.

No primeiro capítulo, o autor tem seu olhar no cultuar da Umbanda na cidade e começa com uma comparação. A notícia da inauguração de um asilo para dementes e a inauguração da Tenda Coração de Jesus, tendo como finalidade o auxílio às crianças e a distribuição de sopas. O autor entrevista Maria Irene, neta da fundadora Irene Rosa que lhe contou um pouco da história de sua avó. Irene Rosa nasceu numa pequena cidade chamada Miraporanga, se mudou para Uberlândia para se tratar de problemas de saúde. Chegando aqui consultou o médico e foi diagnosticada com inchaço no coração e que seria necessário fazer uma cirurgia. Sendo aconselhado por parentes e amigos, ela foi levada a um centro kardecista para tomar um passe. Chegando lá foi tratada e começou a se recuperar. Um tempo depois foi convidada a fazer parte da corrente kardecista e então, seu mentor espiritual o preto velho Pai João da Bahia se manifestou. Após alguns desentendimentos Irene Rosa se afasta da corrente e abre atendimento em sua própria casa. Interessados em continuar sendo atendidos por Pai João a comunidade se reuniu e juntos com Irene Rosa construíram o terreiro.

Essa comunidade conseguia no terreiro uma atenção política e social que não conseguia em outros lugares. Segundo a entrevistada, sua avó conseguia apoios políticos, de empresários e de médicos. O autor observa como essas pessoas vivenciam e experimentam a religiosidade e também como é trabalhada a noção de cultura. Cultura vivida dentro de um campo de relações sociais. O autor também trabalha a noção de sujeitos que experimentam suas situações e relações. Relata que os sujeitos que se uniram a mãe Ireninha pela necessidade encontrada diante da falta de auxílio público principalmente por parte da saúde, pois, esses vão ao terreiro em busca de auxílio de

cura, ou alívio da dor. Esse sujeito dentro desses terreiros é tratado de forma igual, sem privilégios, diferente das cidades que são os excluídos. As cidades que assumem um papel progressista, não tem como personagem principal pessoas de classe baixa, negros, etc e a todo momento, na imprensa da época, Uberlândia, sempre foi colocada como a cidade de progresso.

Nesse trabalho é citado entrevistas e vivências na casa Pai Chico de Aruanda, criada na década de 1970. É um terreiro de umbanda, mas, com práticas kardecistas. Para um dos médiuns da casa as doutrinas sofreram distorções e não devem ser aceitas, pois, não são conforme o ensinamento de Kardec. Acredita que a Umbanda não tem relação com a África e que estaria sim ligada a fundação de Zélio de Moraes. Nota-se nesta fala que para ele o espiritismo da Casa Pai Chico de Aruanda a doutrina kardecista é superior e que o papel dos pretos velhos é somente complementar no atendimento da casa. O autor coloca esse médium como retilíneo e progressista e não consegue equiparar a casa Pai Chico de Aruanda a um terreiro de Umbanda já que a ação dos pretos velhos é diminuída e as palavras dos kardecistas são exaltadas. É discutida a questão da caridade, tema sempre abordado quando se trata de espiritismo. Na casa Pai Chico de Aruanda, a sopa servida por eles, é feita pelos trabalhadores, no entanto, os utensílios e alimentos é doado pelos mais favorecidos financeiramente. O médium Antônio Carlos não é a favor de se oferecer tudo aos menos favorecidos, eles deveriam buscar de alguma forma em empreender. De acordo com o kardecismo as almas caridosas são recompensadas pelo alívio do carma. A noção de doação e caridade ali aproxima cada vez mais esse centro ao kardecismo do que a Umbanda, pois, em sua doutrina e dinâmica da casa consiste mais em pregações kardecistas. O autor levanta um questionamento sobre a caridade nos terreiros de Umbanda. Porque a noção de caridade não serve para identificar os umbandistas? Por que os outros meios como poder público e imprensa ignora os terreiros? Pontou ainda que o poder público juntamente com os outros grupos sempre ligou a doutrina kardecista a valores vinculados a caridade, as boas ações e ao "bem". A Umbanda e o culto aos orixás estariam ligados ao "mal" em diante de várias pessoas entrevistadas se nota a aversão e hostilidade e isso nada combina com a elite moderna. Ter na cidade a quantidade de 250 casas de Umbanda levanta questionamentos que a Umbanda estaria longe desses estereótipos de mal, de encantaria e bruxaria. A Umbanda é uma ação de pessoas que celebram uma

religiosidade, no entanto, também compartilham valores sociais e políticos. Esses vários terreiros estariam lutando pela sua cidade.

No segundo capítulo, o autor traz novamente uma discussão do que seja cultura, de como ela é vivenciada e de como as pessoas lidam e buscam o seu direito pela cidade. O autor vai discutir a ligação entre a Umbanda e a cidade de Uberlândia. Observa as notícias nos meios de comunicação, as leis municipais e percebe o quanto se busca ostentar a imagem de progresso e modernidade. A cidade não aceitou o culto dos orixás que sempre se manteve escondido. Como Uberlândia sempre foi associada ao progresso pelo poder público, imprensa e sociedade. É possível levantar questionamentos se voltarmos o olhar para os trabalhadores e a sua vivência, devemos voltar os olhares para os meios de comunicação que se instalaram na cidade. Os trabalhadores que passaram a habitar o Uberlândia eram de diversos lugares do país em busca dessa imagem de progresso que a cidade passava, porém, a vivência desses trabalhadores aqui era muito diferente. Em 1970 e 1980 houve uma queda contínua da renda e da qualidade de vida, todavia, isso fortalecia as eleições de heróis. Com isso, é possível, notar o quanto o culto aos orixás foi desaprovado e discriminado, sempre silenciado, pois nos jornais a elite sempre era simpática as pregações kardecistas. O autor nos mostra que foram reunidos quatro códigos de posturas que foram escritos em 1898 elaborado pelos vereadores da cidade para manter o bom convívio e pode-se perceber o tratamento como sendo caso de polícia as batucadas dos pretos. Mesmo antes de surgir a Umbanda em Uberlândia ela já existia no Brasil, em São Paulo a mesma era tratada com temor e exclusão, realmente como caso de polícia. Em Uberlândia as proibições de todas as manifestações apareceram em vários códigos criados pela prefeitura.

Observando o código de postura de 1967 é nítido a perseguição aos cultos, por mais que não seja escrita de forma claro. O autor traz duas reportagens onde a primeira é pode-se notar o preconceito e descaso e o quanto é necessário proibir essas práticas religiosas. Na outra reportagem se traz uma linguagem mais sofisticada e cheia de candura para um grupo de espíritas que estavam promovendo um sanatório para atendimento de dementes.

O autor recorda o primeiro capítulo e traz através de suas pesquisas o quanto os terreiros de Umbanda funcionavam como importantes centros de apoio comunitário,

onde havia distribuição de roupas e comidas, no entanto, esses terreiros não são vistos como os lugares de caridade. O autor analisa o código de postura de 1988 e para os adeptos do culto e não houve mudança significativa, ainda assim houve mais mudanças no sentido de controle principalmente na área ambiental nas décadas de 1990 e 2000. Seria uma conscientização aos participantes do culto. O autor busca conceitos para definir solidariedade e de como é elite da cidade de Uberlândia vai compreender o culto aos orixás dentro da noção de "Umbanda solidária". Como já foi observado pelo autor, as religiões afro tem seu primeiro mandamento baseado na caridade, portanto, "solidariedade", mas aos olhos dessa elite progressista não estariam enquadrados por que trabalhadores, não ajuda trabalhadores. Então, os participantes do culto se mantiveram na condição de ajudado e os grupos espíritas como os filantrópicos importantes.

Os cultos aos orixás foram enquadrados na forma de tradição e folclore ao longo da década de 1990. Exemplo disso foi à realização da festa em louvor a Iemanjá no Parque do Sabiá. Anteriormente isso seria severamente reprimido, todavia, neste momento, promovem procissões. Com isso, se busca uma outra maneira de se ver o culto. E assim abriu uma porta para os participantes serem vistos de uma outra forma pelos órgãos públicos e assim terem direito sobre a cidade. "Educação ambiental e a prática das religiões de matriz africana" esse é o nome da cartilha que foi elaborada pela Secretaria Municipal de Cultura, a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e o Meio Ambiente e COAFRO (Coordenadoria Afro Racial de Uberlândia) e a Divisão de Memória e Patrimônio Histórico. Essa cartilha descreve como os praticantes deveriam proceder. Percebe-se não existe ingenuidade nas regras impostas nesta cartilha, pois as descrições ali seria uma forma de normatizar os cultos e serem controlados pela prefeitura e pela sociedade delimitando seus afazeres. Com a preservação do meio ambiente e a limpeza das cachoeiras propostas pela prefeitura e pelos pais e mães de santo esses mesmos participantes do culto viram essa ação como uma forma de não serem sempre colocados nos lugares de transgressores, e sim no papel de defensores do meio ambiente já que de acordo com o culto e não existiria orixás sem a natureza.

Podemos notar que na cartilha há um grande esforço para restringir horários de culto, local e volume dos atabaques. Mesmo com tantas restrições é possível analisar que dentro da perspectiva cultural os grupos conseguiram sair em procissões pela cidade. Esses grupos também lutam pela legitimidade de sua cerimônia como batizado e

casamento o que são realizados há muito tempo dentro de suas casas de culto o que se manifesta uma luta pelos direitos sociais e culturais. O autor cita as organizações existentes até naquele momento que buscavam representar e dar voz aos participantes do culto, porém essas organizações representariam mais aos interesses dos dominantes. Através dessas organizações que o poder público consegue espalhar normas, cartilhas e impor comportamentos até aos orixás. Na busca pela folclorização do culto a classe dominante tenta normatizar e controlar os cultos. A quantidade de terreiros mostra que ainda é formado por muitos trabalhadores e nessas sessões o autor pode identificar que os terreiros é para além de um lugar só de culto é um lugar de convivência de estreitos laços fraternos, afetivos e morais. Ao final desse capítulo o autor entrevista "Pai Washington" um zelador que apesar de polêmico faz acusações contra a prefeitura e se comporta diferente dos demais zeladores que foram entrevistados. O pai de santo revela que a influência da prefeitura desgastou o relacionamento entre os pais de santo. Esse interesse teria criado uma vaidade entre os pais de santo o que provocou a desunião. Os congressos, festas e encontros agora apoiados pela prefeitura são organizados para parecer não vinculados à prefeitura. A autonomia dos terreiros de antigamente se mostrou fragilizada, não é possível culpar o poder público. Há zeladores que apoiam e aceitam a influência da prefeitura. O autor menciona que houve mudança na umbanda, mas, essa mudança seria para que a mesma não morresse. Conclui esse capítulo com questionamento de que se a umbanda correria o risco de deixar de existir.

O terceiro capítulo inicia com o autor pontuando a dificuldade de se ter acesso a algumas informações sobre o culto, pois as práticas ainda são muito veladas em algumas casas, no entanto há uma preocupação crescente de mostrar o que é a religião. Então, neste capítulo o autor busca compreender a prática e os praticantes de Umbanda, tentar compreendê-la como uma prática popular tendo a Umbanda como um meio de preservação da memória e da tradição. Durante muito tempo os terreiros de Umbanda foram colocados como lugares populares. Neste texto o popular se caracteriza como uma noção política, de luta, onde essas práticas culturais, tornam-se o espaço para revelações para relações sociais.

A experiência social e a cultura partem de sujeitos ativos e como modo de vida se tornam modos de luta. O autor exemplifica com citações de seu entrevistado Pai Sérgio que o preconceito não interfere no modo como ele se comporta na cidade, pois, o mesmo vai a bancos, shoppings, etc. Vestido a caráter o que é diferente de outros

adeptos que não assumem publicamente a sua religião. O autor fala da prática do culto aos orixás que é uma experiência social e que muitos só participam quando essas festividades saem do terreiro. A umbanda se tornaria a prática popular por ser um lugar de luta por diversos acontecimentos como, negociações, resistências, para que assim seus participantes pudessem buscar algum direito sobre a cidade e buscando oportunidades.

O autor passa a narrar alguns acontecimentos que presenciou na casa do Pai Sérgio. Relatou que houve uma discussão entre um médium e o pai de santo. Esse médium estaria realizando trabalhos em sua casa sem autorização e para tanto seria necessária uma preparação de anos. A sessão inicia com a gira dos caboclos que são mais severas. A gira na Umbanda, é a reunião, o agrupamento de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam através da incorporação nos médiuns. A gira pode ser festiva, de trabalho ou de treinamento. Pai Sérgio incorpora com o caboclo e dá continuidade às discussões, no entanto, agora ninguém argumenta. Essas atitudes reafirmam a importância do poder do pai de santo. Analisa a forma de relação entre os médiuns e assistentes com o espaço do terreiro, seria uma relação complexa entre interesse e necessidade e que o zelador deve saber lidar com essas cobranças nesse jogo de relações. O autor fala da forte comercialização existente hoje no culto. O que antes era arrecadado em forma de mantimentos ou vestimentas, hoje através do relato de "mãe Irene", seria feito com arrecadação de dinheiro. São poucos os zeladores que ocupam uma atividade profissional remunerada e que acabaria "vivendo do santo" o que de certa forma cria preconceito sobre a moral dos praticantes do culto, levando ao descrédito e a ridicularização da casa. Além da salva, que é o valor dado em dinheiro, o autor percebe que quanto maior as festas, maior o poder político do zelador diante dos praticantes.

As novas práticas feitas pelos umbandistas como a da preservação ambiental, essas são maneiras que mostram como antigos costumes passam por mudanças para tentar colocar as religiões com melhor visibilidade é perceptível para o autor essa preocupação dos pais de santo e médiuns praticar seus cultos de forma ecologicamente correta. Então, o autor lança questionamento se a preocupação com a natureza seria a maior preocupação desse século e se os antigos pais-de-santo não o teriam. A diversidade possibilitou o surgimento de diversos terreiros no espaço urbano, surgiu também diversas formas de cultuar os orixás. Os terreiros que antes eram simples espaços, agora existem grandes barracões com grandes estruturas sofisticados e

confortáveis, as festas eram promovidas pela reunião com a comunidade, hoje reforçaria a presença do dinheiro na realização dos trabalhos festas e oferendas. Uso do dinheiro divide opiniões como "Pai Sérgio" que aprova a realização de grandes eventos que gastam muito dinheiro, como temos Mãe Irene que já é mais cautelosa quanto a isso, quanto ao uso do dinheiro. Ela conta que em sua casa foi estipulado um valor mensal de dez reais, no entanto, não são todos que colaboram.

As festas realizadas nos terreiros teriam um significado a mais, que seria de provar a força do pai de santo e a salva seria proporcional a soma do zelador. Os maiores pedidos são feitos para Exu que antes eram feitos trabalhos de forma mais silenciosas e sigilosas agora não haveria tantas restrições. São entidades masculinas ou femininas que fazem trabalho para o bem ou para o mal de acordo com a vontade do consulente e do discernimento do pai de santo. Os Exús são entidades oriundas da Umbanda, porém são vistos nos terreiros de Omolocô, Ketu, etc. Assim como os pretos velhos, caboclos são vistos também nestes terreiros e prestando atendimento.

A umbanda oferece esse espaço para conversar com as entidades o que leva a pessoa a ter a oportunidade de conseguir algo. Explorar esse tipo de desejo das pessoas é que levam o zelador a enriquecer. Nenhum pai de santo aponta quem faz isso e se torna o silêncio entre eles. O dinheiro investido nos trabalhos não é devolvido, pois se o pedido não foi realizado a culpa não é das entidades e sim da pessoa que não teve fé. Apesar de ter uma associação chamada ARMAFRIA (Associação das Religiões de Matriz Africana), a mesma não tem um papel fiscalizador nos terreiros. As pessoas procuram os terreiros em busca de soluções rápidas e os terreiros oferecem soluções imediatas. Se os pedidos foram atendidos não há vínculo entre eles podendo ser feito uma oferenda como agradecimento. O autor conclui dizendo que o candomblé seria uma religião de muitos clientes mais de poucos fiéis

1.3 - A formação da Umbanda em Uberlândia

O presente trabalho trata de um estudo com comparativo entre dois terreiros de umbanda da cidade de Uberlândia. A Tenda Coração de Jesus e a Casa de Caridade Amor Fraternal de Jesus, os dois se localizam no bairro Osvaldo Rezende, no entanto, as

práticas ritualísticas são muito diferentes umas das outras já que a umbanda não possui um código único de liturgia. A autora Roberta Lourenço Cunha, analisará os terreiros segundo seu lugar geográfico por ser um bairro que foi povoado no começo da década de 1940 e assim concentrou vários grupos e dentre eles a umbanda. Analisará um estudo comparativo as questões doutrinárias.

No capítulo I, aborda o surgimento da Umbanda em Uberlândia de como se deu a formação do espaço geográfico e o desenvolvimento da cidade. Ex-escravos, brancos pobres e brancos de classe média que buscavam condições melhores de vida, com isso, a população negra em sua maioria e homens e mulheres pobres foram sendo instalados nas periferias e a classe média e alta se instalaram nos grandes centros. Para conseguir sobreviver esses negros e brancos pobres buscaram ajuda de familiares nas mesmas condições, pois se ajudariam mutuamente. O bairro Osvaldo Rezende foi um desses bairros onde essas pessoas se organizaram. Fazendo um comparativo com os centros kardecistas, a autora analisou que eles se localizam em bairros mais nobres, podendo ser encontrados também em bairros periféricos por que seguem a lei de Kardec que está fundada nas práticas de assistencialismo e por isso precisam estar mais perto de das famílias carentes.

No capítulo 2, a autora fala diretamente da Tenda Coração de Jesus e de sua formação, fala da vinda de Irene Rosa e sua família para Uberlândia e se instalam no bairro Osvaldo Rezende. Irene Rosa vem para Uberlândia por questões de saúde chegando aqui procura atendimento médico e é diagnosticada com problemas cardíacos sem chances de cura. Assim a família procura ajuda em um centro kardecista. Foi realizada em Irene Rosa uma cirurgia espiritual e que com rapidez foi apresentando melhora. Com isso Irene Rosa passa a frequentar o Centro espírita como assistente E logo depois como membro. Ela sente a aproximação espiritual de um preto velho que logo pediu para ela participar de outro tipo de culto. Ela sai desse centro e funda o primeiro terreiro de Umbanda de Uberlândia.

Atendia na sala de sua casa e com a grande concentração de pessoas e com a ajuda desses assistentes que a seguiram fizeram leilões para arrecadação de dinheiro e construir um cômodo que também não conseguiu comportar a todos e novamente com leilões e doações que construíram o prédio que está em funcionamento até hoje, a tenda foi fundada em 24 de junho de 1947. Segundo a autora através de entrevistas com a neta de Irene Rosa sua avó nunca teve problemas com a polícia na época apesar de que pelo momento o juizado de menores sempre visitava casa.

Neste trabalho, apontou que na tenda era realizado além do atendimento espiritual, atendimento social como a alfabetização de alunos e distribuição de sopa e roupa para famílias carentes. Este trabalho foi realizado por Irene Rosa até a sua morte sendo que a sua filha Maria do Rosário e seu esposo Vicente deram continuidade, no entanto, por motivo de saúde tiveram que se afastar da direção da casa e Roque assumiu sendo o dirigente até 1997 quando faleceu e Maria Irene sua neta assume o posto de dirigente e que se encontra até os dias atuais. O trabalho assistencial teve que ser interrompido devido aos cortes de gastos do Prefeito Renato de Freitas. A autora consegue identificar um pouco o que são as linhas de umbanda. Identifica que nos dois terreiros pesquisados utilizam das linhas de preto velho, caboclo, erês, exus e pomba giras, esses sendo as entidades principais. Liturgicamente na Tenda Coração de Jesus a sua formação é passada de geração para geração na mesma família e intuída sempre pelo mentor preto velho Pai João da Bahia, espírito responsável pelo andamento da casa.

A maioria dos membros da corrente são da família que ocupam várias funções do terreiro. Os maiores frequentadores são os vizinhos, membros da comunidade, amigos da família. Autora entrevistou dona Elza de Alcântara que foi amiga de Irene Rosa e frequentadores da casa por muitos anos por gostar de tomar passes. Ela morava nas imediações perto da Tenda Coração de Jesus. Na Tenda Coração de Jesus os trabalhos eram realizados duas vezes por semana, um dia de estudo e gira e outro com os pretos velhos ou outra linha para atendimento dos assistentes.

A autora aponta diferenças entre os terreiros pesquisados que na Tenda Coração de Jesus é uma estrutura de barracão simples. No primeiro espaço é o lugar dos assistentes, lugares separados para homens e mulheres. Mais a frente o local dos médiuns que são as pessoas que trabalham no terreiro e o gongá que é o espaço onde ficam essas pessoas e também o nome que se dá ao altar. Descreve o chão que é de terra batida e os médiuns permanecem todos descalços para descarrego de energias negativas. O gongá é um altar grande onde ficam as imagens dos pretos velhos, caboclos e orixás. Maria Irene neta de Irene Rosa faz abertura da sessão informando que na Tenda Coração de Jesus não se faz trabalho de amarração ou outros tipos de trabalho que façam mal a outras pessoas.

No capítulo II, se trata do surgimento da Casa de Caridade Amor Fraternal de Jesus. A casa foi fundada em 1305/1994. Alaíde Maria de Melo com intuito de trabalhar com as entidades da Umbanda e para a prática do assistencialismo a famílias carentes.

Esta data de começo dos trabalhos práticos foi em outubro de 1997. Com a linha de umbanda e também de kardecista dona Alaíde trabalhou em sua casa, alugou outros espaços até fundar a casa em terreno próprio. A ritualística da casa começou como um centro kardecista e depois começaram a desenvolver a umbanda. Anteriormente não havia atabaques e a roupa dos médiuns eram simples e brancas, algumas mulheres com pano na cabeça e sem guias. Como sua maior influência era o kardecismo os itens não eram obrigatórios.

A Casa de Caridade Amor fraterno de Jesus possui todos os documentos legais para funcionamento, mesmo assim sofreu com as famílias em torno do terreiro, principalmente do prédio ao lado de famílias classe média alta que reclamam dos pobres e dos barulhos que vinham do terreiro. A casa também sofreu interferência dos médiuns que queriam introduzir o uso dos atabaques, guias e uniforme para todos. Além da distribuição de sopas a casa também possui o clube das mães para ensinar artesanatos as mulheres. A autora relata que participou dessa casa por 7 anos como pesquisadora e médium. Os trabalhos na casa são as segundas, quartas de manhã e à noite, às sextas e aos sábados. Continuando o relato autora no item 2.2 começa o comparativo entre os dois terreiros. São localizados no mesmo bairro Osvaldo Rezende, são da mesma classificação de culto afro-brasileiro que não trabalham com amarração, que mantém um bom relacionamento com os vizinhos e assistência. Os dois terreiros enfrentam dificuldades,

A Tenda Coração de Jesus por parte da elite branca da época e a Casa de Caridade Amor Fraterno de Jesus por parte de seus vizinhos. Irene Rosa ajuda a comunidade e recebe ajuda da comunidade e do poder público. Ambas Irene Rosa e Alaíde iniciaram em centros espíritas, mas, saíram para construir seus terreiros de umbanda e nele Irene rosa e Alaíde puderam receber os personagens excluídos e marginalizados que são os pretos velhos e caboclos. A Tenda Coração de Jesus é o local com moldes de senzala possui terra batida e na Casa de Caridade Amor Fraterno de Jesus possui uma sala principal sem altar sendo composto de imagens os outros cômodos do terreiro. As vestimentas são padronizadas nas duas casas a cor é branca. Na Tenda Coração de Jesus as mulheres usam saias rodadas e armadas, lenços na cabeça e guias os homens vestem calça e blusa branca um barrete e guias. Na Casa de Caridade Amor Fraterno de Jesus o uso de roupa branca também prevalece. As guias na Casa de Caridade Amor Fraterno de Jesus não eram obrigatórias, os médiuns usavam as que tinham. O uso obrigatório foi inserido após questionamentos do grupo de jovens. Na

Tenda Coração de Jesus o uso de uniformes, guias e demais e indumentárias sempre foram obrigatórias.

É feito uma reflexão quanto às influências espirituais dos dois terreiros, onde aponta as diferenças existentes, mas que não deixa de ser terreiro de umbanda. Sendo a umbanda uma religião dinâmica e não estática os dois terrenos foram construídos primeiramente por ordem espiritual e depois por doações dos assistentes amigos e vizinhos. Até hoje permanece com seus trabalhos de atendimento material e espiritual.

CAPÍTULO II - A ANCESTRALIDADE DA TENDA CORAÇÃO DE JESUS PELOS FIOS E RASTROS DA MEMÓRIA

[...] o fio de uma narrativa, puxado através da memória, revela suas múltiplas pontas, isto é, uma gama de interesses e significados que [nos levam] a recordarem coisas além daquelas que desejavam¹.

Recompôr os fios da memória da Tenda Coração de Jesus é um exercício complexo. Essa complexidade se intensifica ainda mais quando as minhas recordações remontam as histórias desse lugar aonde nasci, cresci e me encontro. Por isso, sei que minhas lembranças virão repletas de sentimentos e sensações vividas, partilhadas, marcas da minha identidade individual e, ao mesmo tempo, coletiva, pois as minhas vivências no/do sagrado se misturam as memórias da minha infância, do meu cotidiano e do meu fazer religioso. Sei que o exercício de olhar para dentro de si vem como tentativa de compreender a realidade, mas isso não é uma tarefa fácil. Muitas vezes, ao fazer esse caminho, vejo fragmentos de mim presentes em cada recordação que se configura nos flashes backs² das minhas lembranças. Ao mesmo tempo que me permitem distanciar do vivido e praticado, me envolvem de uma forma tão intensa que não consigo me desvencilhar.

São cheiros, sabores, cores, recordações que entram em ebulição ao mesmo tempo em minhas memórias e me fazem sentir-me umbandista. Por outro lado, os nós do meu eu se desfazem a cada reflexão construída enquanto pesquisadora em formação. Às vezes, me sinto dividida em dois sujeitos: a umbandista que experiencia o sagrado, a relação com a espiritualidade e a pesquisadora que observa, reflete, questiona.

Se o exercício da escrita e da reflexão se distanciará do sujeito que escreve sobre si e sua trajetória, não sei. O que sei é que esse exercício é subjetivo e vem embebido por lembranças e recordações que me ajudam a desatar os nós da minha própria história,

1 PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. Flor do não esquecimento – cultura popular e processos de transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.73.

2 Flashes backs: voltar rapidamente a algo

tecendo fios e tramas na tentativa de estabelecer um sentido para a narrativa aqui proposta, como bem apresenta Bergson, Proust, Benjamin, Halbwachs, quando discutem a relação da memória com o tempo e a narrativa³.

2.1 - O Exercício de relembrar (minhas) histórias: No chão do terreiro, minhas descobertas...

Eu nasci dentro de berço umbandista. Minhas lembranças por mais distantes que pareçam estão tão perto que me possibilitam conectar ao passado e ao presente como se o tempo contado em minutos, horas, dias, semanas, meses e anos fizesse parte de um grande turbilhão de recordações de perto e de longe que se reavivam sem uma linearidade única. Nesse espiral de fragmentos, lembranças e recordações, eu me vejo com cinco anos de idade sentada entre as pernas do meu avô Vicente incorporado com o Preto Velho Pai José de Aruanda. Eu chorava para não sair daquele aconchego, pois era tão seguro ali e, ouvir aquelas mensagens de carinho que ele passava para os assistentes me dava a certeza de existir um mundo sobrenatural bem melhor e mais tolerante do que aquele das histórias que ouvia no cotidiano. A afinidade com meu avô não se dava só com ele; se dava também com a espiritualidade, o que mais tarde eu entendi que estava sendo preparada pelo Preto Velho Pai José de Aruanda para ser seu próximo médium. No entanto, eu também era muito ligada com minha avó Maria do Rosário. Toda parte de preparação mediúnica eu aprendi com ela. Eu aprendi a ver com os olhos dela e ela com os meus. Minha avó não enxergava. Eu passei a ser as mãos que escreviam para ela.

Escrevi vários sonhos, orações, benzições, poemas, as mirongas do terreiro que são segredos que são contados a poucas pessoas. Esses segredos ela passava só para mim. Sentávamos na porta da casa dela e viajávamos no mundo espiritual. Por eu ser médium vidente igual a ela, conseguíamos mergulhar no mundo espiritual, buscando soluções para assuntos que aconteciam no terreiro.

3. Sobre memória, tempo e Narrativa consultar: BENJAMIN, W. "A imagem de Proust". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, volume 1); BERGSON, H. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos); PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 1)

Nessa época eu estava com dez anos e já começava a perceber o quanto era necessário ter dedicação para adentrar pelo universo do sagrado. Eu via sempre minha mãe, Maria Irene, auxiliando Pai Roque, meu tio carnal e o babalorixá do terreiro, nos trabalhos espirituais. Eu passava todo o tempo sentada ao lado dela e também de minha avó materna, Maria do Rosário.

O quintal da minha infância, espaço das brincadeiras e traquinagens era também o lugar do sagrado, pois ali estava e ainda está edificado a Tenda Coração de Jesus. O interessante de se perceber é que nem minha avó Maria do Rosário ou minha mãe Maria Irene, ao construírem no mesmo espaço de morada a Tenda Coração de Jesus e, ao redor dela, as residências da família, elas tinham a percepção do que aquilo representava. No caso da nossa família, viver coletivamente ali, no mesmo quintal, e, ainda, ao lado do templo religioso tinha um sentido. Aquele lugar se transformaria no espaço de manutenção dos vínculos de parentesco, de identidade e de pertencimento “reforçados com muita intensidade na representação simbólica que a casa tem na vida da família, como espaço agregador dos vínculos familiares e sequência das vivências compartilhadas” (KATRIB, 2009).

Hoje percebo que essa organização familiar dentro de um mesmo espaço faz parte da nossa herança ancestral e que, involuntariamente minha bisavó sabiamente intuída pela espiritualidade soube colocar em prática. Segundo Katrib (2009), entre os bantos era comum a edificação de suas casas levando em consideração a organização circular. Em África, as construções familiares geralmente ocupam um mesmo terreno cercado por espaços de trabalho, por hortas, árvores frutíferas e de sombra - representação da presença ancestral no local, servindo também como espaços cerimoniais, cercados de animais, formados por diversas edificações, sendo que a primeira casa, próxima à entrada, era sempre pertencente ao chefe local.

As minhas recordações me remontam a um quintal assim, com vida e muita movimentação de pessoas da família e visitantes. Mesmo que cada casa possuísse seus limites, tínhamos livre acesso as moradias de nossas tias. Hoje o espaço é pequeno para abrigar toda a família. Alguns já não residem mais ali, mas moram próximos e não deixam de ter como referência o local.

Ali, na minha infância, o rezar e o brincar pareciam a mesma coisa. Todas as nossas brincadeiras eram associadas às nossas vivências na religiosidade. Brincávamos

de benzer, de fazer transporte mediúnico, de ensinar e estudar sobre a Umbanda. Quando completei onze anos de idade, em 1991, minha avó Maria do Rosário me disse que já estava na hora de ter minhas responsabilidades no terreiro e que quando chegasse o momento certo me prepararia para as funções que viria assumir na Casa.

Fui avisada alguns dias após esse episódio que minha hora chegaria, pois minha preparação iniciaria nos rituais da Semana Santa. Durante a Semana Santa, o Terreiro tinha um calendário extenso de atendimento aos assistentes e preparação mediúnica, processo que ainda hoje faz parte da tradição da Tenda. Na Sexta Feira da Paixão do ano de 1991, eu me vesti de branco para a missa com o Preto Velho Pai João da Bahia e fiquei sentadinha, bem ao lado da minha avó, que segurava minha mão me perguntando se eu estava preparada. Eu, prontamente, disse que sim!

Trabalhamos durante toda manhã, fizemos colares de perpétua roxa (flor natural que floresce durante a Quaresma) para os médiuns e ficamos em jejum. Minha avó era responsável pelas orações na hora da Santa Ceia, momento em que os médiuns se põem em frente a uma mesa que simboliza a última ceia protagonizada por Jesus Cristo antes de sua crucificação para se alimentarem. Eu me sentei bem ao lado de minha avó. Nesse momento, minha mãe solicitou-me que saísse dali, pois não sabia que vovó tinha me preparado para estar ali.

Minha avó segurou forte em minhas mãos e disse para minha mãe que seu estava de jejum e iria fazer parte da Mesa ao lado dela. A partir desse ano até hoje, eu faço o jejum na Sexta Feira da Paixão. Esse momento é significativo para mim, pois além de me revigorar espiritualmente, revivo a minha avó e seus ensinamentos. Passados seis anos de envolvimento direto com as atividades religiosas do Terreiro teve início ao meu processo de graduação na Umbanda. Em 1997 eu iniciei minhas obrigações de sete anos. Durante todo esse tempo a presença dela e dos meus pais ao meu lado me davam força e coragem para ir adiante.

Encerrei esse primeiro ciclo em 2003 me graduando como Mãe Pequena e recebendo minha comenda (colar feito de contas que simboliza a graduação de sete anos) pelas mãos de minha avó. A participação dela em minha vida foi muito intensa. Ela veio a falecer alguns meses após a minha graduação e uma semana antes do meu casamento. A tristeza foi tamanha, mas tenho a certeza que ela está sempre ao meu lado e estava ali, naquele dia tão importante que foi o do meu casamento, pois antes de sua

passagem ela me chamou e me disse: “__ Aconteça o que acontecer não deixe de se casar!”

Conheci o Fausto Santos Ferreira, meu esposo na tradicional festa em louvor a Iemanjá que a nossa Tenda realiza todo ano no Parque do Sabiá (espaço público de lazer na cidade de Uberlândia). Me casei na Umbanda com a cerimônia feita pelo Preto Velho Pai Cambinda e consagrada pelo Pai João da Bahia. Hoje tenho um filho lindo chamado Enzzo. Fiz minha obrigação para zeladora do Santo em 2007. Durante todos esses anos aprendi muito com minha avó e minha mãe carnal que também é minha Mãe no Santo. Costumo destacar que a Umbanda é uma escola; é uma fonte inesgotável de saber e de aprendizado, pois a cada dia novas vivências e novas experiências são concretizadas, nos fazendo acreditar e evoluir como pessoa.

Como pesquisadora e estudiosa da religiosidade afro-brasileira, passei a me interessar pelos estudos sobre a Umbanda e várias possibilidades de interpretação tem se descortinado. Passei a dar mais importância aos estudos umbandistas. Atualmente, percebo que essa prática religiosa não é rígida e está em constante processo de transformação. Por isso, as ordens, os ensinamentos, os preceitos devem passar por uma reflexão e entendimento, não sendo obrigado a fazer nada sem o consentimento daqueles que vivem ou procuram essa religião.

Essa preocupação é fruto do que vivencio, cotidianamente, na Tenda Coração de Jesus. Ali realizamos estudos, discussões, reflexões a fim de compreender a Umbanda e seus ensinamentos e também ajustar as possibilidades materiais às espirituais na concretização dos ensinamentos sagrados. Sempre vi essa junção como importante. Desde pequena ia ao catecismo feito no Terreiro e direcionado pela Preta Velha Mãe Maria de Aruanda e depois quando fui crescendo e alcançando idade, eu mesma ministrava essas aulas que consistia em orações, estudos sobre o papel dos Orixás e das narrativas míticas sobre eles e seu papel na compreensão da Umbanda.

A Umbanda sempre me deu mais do que eu pedi. Me deu uma família maravilhosa, grande e unida; me deu um esposo e um filho abençoados. Me proporciona inúmeras amizades. Essa prática religiosa me possibilita exercer a humildade tão destacada pelos Pretos Velhos, a valentia dos Caboclos, a doçura dos Erês e a justiça dos Exus Guardiões. A Umbanda me ensina a esperar e confiar nos Orixás, pois o tempo é mais do que cronologia, contagem; ele é o regente que nos conduz, que nos

permite evoluir passando por diversas provações. O tempo é vida e é morte; o tempo é esperança e mudança. E “o ato de lembrar ou de acessar as recordações do vivido, materializadas nas lembranças no tempo presente, é a melhor forma encontrada pelos indivíduos de lutarem contra o esquecimento”. (RICOEUR, 2007, p.48).

Eu luto a cada dia contra o esquecimento, é por isso, que ter crescido dentro da Umbanda tem me ensinado a perseverar, a me colocar no lugar do outro e agradecer as oportunidades que o tempo me proporciona e proporcionou. A Umbanda me ensina todos os dias que a fé, a esperança e a caridade estão dentro de cada um de nós. Aprendi com o Pai João da Bahia que: “o certo vai continuar sendo o certo mesmo que ninguém o esteja fazendo, e que o errado vai continuar sendo o errado, mesmo que todos estejam fazendo!”.

Se lembrar é reviver, o exercício que faço adiante é, justamente, o de reavivar a história dos 70 anos de história da Tenda Coração de Jesus. Espaço religioso de onde venho, de onde sou e, que agora exercito. Sei que quando evocamos nossas lembranças “as informações surgem permeadas do aspecto emocional de quem as experimentou” [...] (PEREIRA, 2005, p.31). Sendo assim, (re) viver essas histórias é o meio que utilizo para atualizar as lembranças, alimentando-as para que se façam sempre presentes na vida de quem exercita as memórias vividas.

Para Ricoeur (2007, p. 41), a memória se encontra no singular e as lembranças no plural, justamente porque, ao recordarmos, relembramos de fatos ou acontecimentos compartilhados coletivamente e trazemos à tona o que experimentamos dessa relação que se firma na memória e flui, não só através das nossas percepções, como em torno de toda a bagagem 163 adquirida e absorvida do convívio coletivo.

Ao tentar recompor a história dos 70 anos da Tenda Coração de Jesus chamo as referências das minhas recordações para juntas, recompormos esses cenários de relembramentos, destacando o papel de Irene Rosa e Maria do Rosário, minhas mulheres de fé, referências do meu axé.

2.2 - Mulheres de fé: narrativas e reencontros

Irene Rosa nasceu em 11 de outubro de 1910, no distrito de Miraporanga, no município de Uberlândia, Minas Gerais. Filha de ex-escravos João Francisco Rosa e Cassimira Rosa, teve dois irmãos Eduardo Francisco Rosa e Albertina Rosa. Durante

toda a sua infância viveu nesse distrito e, somente após a morte de seu pai, vieram para Uberlândia trazida pelo seu irmão Eduardo. Eduardo casou-se com Esperança Rosa de Jesus e teve duas filhas Vendilina Rosa e Aécia Rosa. Albertina Rosa casou-se com Francisco Amaral e teve um filho Wilson do Amaral. Irene Rosa casou-se com Lázaro Correia dos Santos e teve sua única filha carnal chamada Maria do Rosário dos Santos. Porém, eram pais de mais de dez filhos, fruto de adoções.

Irene Rosa, morando em Uberlândia, conseguiu comprar três terrenos no antigo bairro Martins, atualmente bairro Osvaldo Resende. O pagamento foi feito em vinte e cinco prestações arcadas trabalhando com venda de quitandas na linha da Estrada de Ferro Mogiana. Trabalhava também como lavadeira, passadeira e lenhadora. Após a morte de seu esposo Lázaro, casou-se novamente com Saturnino Estevão dos Santos.

Quando Maria do Rosário estava com quinze anos, Irene Rosa foi trabalhar na Pensão Sul Goiânia em Uberlândia que era localizada na Avenida João Pinheiro(atual prédio do Supermercado Bretas). Meses depois, foi obrigada a se afastar do serviço por uma doença no coração, diagnosticada como grave pelos médicos e por isso, teria poucos meses de vida. Por sugestão de Eduardo, ela foi levada até um centro kardecista, que se localizava no bairro Brasil, em Uberlândia e ali iniciou um tratamento espiritual com o Dr. Bittencour Sampaio, um médico espiritual.

Logo no terceiro dia de tratamento começou a dar sinais de melhoras. Foram três meses de difíceis. A partir disso, passou a frequentar esse centro fazendo parte da mesa mediúnica.



Mãe Ireninha (Irene Rosa) Acervo: Tenda Coração de Jesus

Nesse centro kardecista, ela recebeu pela primeira vez campo de incorporação do Preto Velho Pai João da Bahia. Essa entidade representava o arquétipo do espírito de um negro africano que foi trazido para o Brasil e levado para a Bahia como escravizado para trabalhar nas lavouras de uma fazenda, cujo nome era Fazenda dos Coqueiros, no interior da Bahia, conforme narrado pela própria entidade. Pai João iniciou seus trabalhos espirituais dando passes, orientações e atendendo as pessoas que ali chegavam precisando de ajudas que a medicina tradicional não conseguia resolver.

Irene Rosa era uma mulher de fé. Deixou de frequentar a Igreja Católica para se dedicar aos estudos da doutrina Kardecista, na tentativa de compreender a sua espiritualidade. Entretanto, a sua atuação mediúnica era restrita em virtude da própria doutrina adotada pela Casa, não tendo possibilidades de ampliar as práticas mediúnicas ancestrais transmitidas a ela pela espiritualidade.

Certo dia, aproveitando-se que esse centro foi fechado, ela resolveu, então, dar vazão a sua vontade em ter seu próprio espaço para realizar seus atendimentos mediúnicos e começou a planejar como isso se efetivaria. Nesse prazo, ela não parou de praticar a caridade e num cômodo de sua casa atendia quem a procurava em busca de um passe, de uma oração. Encontrou perto de sua casa o Centro Espírita Santo Antoninho de Marmo Rocha e por quase um ano pertenceu a essa casa espiritual.

Todavia, Pai João da Bahia sempre orquestrava os pensamentos de “Ireninha” e deixava claro que queria mais seu desenvolvimento mediúnico. Então, como ela contava, Pai João da Bahia pediu para que ela construísse um terreiro de Umbanda. Foi a primeira vez que ela ouviu esse nome.

Em 24 de junho de 1947, ela inaugura a sede da Tenda Coração de Jesus sob a proteção espiritual de Pai João da Bahia e contou com a ajuda material de várias pessoas que já simpatizavam com a Umbanda. Essas pessoas arrecadaram fundos por meio de leilões de quitandas, feixe de lenhas ou venda de bordados, comidas, dentre outras.

A ajuda na arrecadação dos recursos financeiros para a construção da Tenda ficava à cargo das mulheres. Elas faziam as quitandas e vendiam; realizavam festividades para angariar dinheiro para a compra de materiais e faziam campanha de donativos de porta em porta. Os homens eram responsáveis pela construção da sede do

terreiro e faziam os serviços de pedreiros, carpinteiros e servente, geralmente em regime de mutirão.

O terreiro foi erguido no meio de dois terrenos adquiridos por Irene Rosa. Ao redor do mesmo, aos poucos, foram sendo erguidas as casas destinadas a moradia da família. Até hoje, as construções continuam estética e geograficamente distribuídas como em 1947. Foi o primeiro espaço reservado exclusivamente para as práticas umbandistas e aberto ao público, na cidade de Uberlândia que se tem notícia.

Irene Rosa aprendeu sobre os ensinamentos da Umbanda por meio da espiritualidade, pois segundo ela, em Uberlândia, não se tinha contato com essa religião como acontecia em outras regiões do país. Ela sempre falou que tudo que aprendeu foi por intermédio dos ensinamentos espirituais dos pretos velhos, entre eles Pai João da Bahia. Ela começou aprendendo aqueles que a procuravam com ajuda espiritual dessa entidade. Porém, alguns outros espíritos vieram ajudar nessa nova missão, dentre eles: o caboclo Ubirajara, caboclo brasileiro, guerreiro da tribo dos Tupinambás; Mané Baiano na linha dos baianos; a criança Mariazinha da praia, na linha de Cosme Damião; a cigana estrela brilhante, na linha dos ciganos e por fim, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas, como um guardião para as causas mais difíceis.

Com a procura de pessoas para o exercício da mediunidade, houve a necessidade de ter um dia somente para os médiuns que começavam a fazer parte da Casa. Esse era o espaço para se conhecer a Umbanda e desenvolver a mediunidade, pois como Irene Rosa dizia, eles tinham a mediunidade e pouco sabiam sobre esse fenômeno. Com o passar do tempo, às sessões que antes aconteciam uma vez por semana tiveram que ser estendidas para três dias, sendo segunda-feira para os estudos e preparação mediúnica, quarta-feira para os assistentes com passes e curas dos Pretos Velhos, sexta-feira descarrego com os Caboclos.

Irene Rosa passou a ser chamada de Mãe Ireninha, pois, foi realmente esse papel que ela assumiu. Foi uma mulher forte e capaz de resolver a maioria dos problemas que apareciam em sua vida. Além de fundar a Tenda ela criou também, nesse mesmo espaço, uma escola para alfabetização de crianças e adultos, que ficou conhecida como Externato Coração de Jesus. Essa escola atendeu mais de trezentos alunos e contou com a ajuda de várias professoras que eram simpatizantes com a causa como a senhora Maria

da Conceição Barbosa de Sousa (Dona Lia) diretora do Colégio Brasil Central, em Uberlândia.



Primeira fachada da Tenda Coração de Jesus 1955. Da direita para a esquerda: Sudário dos Santos, Roque Silva, Saturnino Estevão, Vicente Arantes. Crianças: Maria Irene e Waldenon de Paula Acervo: Tenda Coração de Jesus

Esse também foi um pedido de Pai João. O mesmo solicitou que fosse organizado um local para alfabetização dos alunos que eram os filhos dos médiuns e assistentes do Terreiro. Essas crianças não possuíam certidão de nascimento para se matricularem nas escolas públicas da cidade.

Ao invés delas ficarem nas ruas enquanto os pais trabalhavam, ficavam dentro da escola que funcionava na casa religiosa. Era fornecido material escolar, uniforme e uma refeição para as crianças, tudo conseguido por meio de doações. Todo o serviço era feito por voluntárias, até o Externato Coração de Jesus começar a receber um incentivo da Prefeitura Municipal de Uberlândia pagando o salário de algumas professoras.



Alunos e professoras do Externato Coração de Jesus
Acervo: Tenda Coração de Jesus

Mãe Ireninha era uma mulher à frente do seu tempo. Em 1960, leva às ruas de Uberlândia a primeira procissão em louvor ao Orixá Iemanjá. A procissão seguida à luz de velas partiu da Praça Tubal Vilela, hoje centro da cidade até as margens do Rio Uberabinha, fazendo uma grande festa com a presença dos médiuns e participantes do terreiro. Nesse evento houve a presença de autoridades políticas da cidade. Além da procissão de Iemanjá, foram feitas procissões para os Orixás Xangô e Ogum. Ao levar para as ruas uma prática antes restrita aos quintais das casas de muitos moradores da cidade, ela, mesmo diante dos olhares de estranhamento de grande parte da população, iniciou um processo de visibilidade da Umbanda em Uberlândia, rompeu paradigmas e apresentou a religiosidade afro-brasileira à cidade, mesmo que aquilo ferisse, aos olhos dos moradores “ilustres”, os ensinamentos morais e cristãos tão cobrados na sociedade naquela época.

Mãe Ireninha não era apenas uma médium. Era uma líder que muito bem transitava pelo cenário político e social da cidade e, com sua simplicidade, sabia muito bem lidar com as inconstâncias e reivindicar junto às autoridades, aquilo que necessitava para suas ações de caridade. Ela conseguiu desenvolver um grande trabalho assistencial e de inclusão social para muitas pessoas, recuperando valores étnicos,

raciais, ancestrais e religiosos até então adormecidos numa cidade que construiu sua história oficial permeada por grande preconceito racial.

A Tenda Coração de Jesus sempre foi um local para reuniões e um espaço para as discussões políticas da população. Desde o início de sua fundação o local era constantemente vigiado pela polícia da época, seja durante as sessões mediúnicas ou qualquer outra atividade, a polícia e o juizado de menores sempre estavam apostos no local para supervisionar o ambiente, a fim de encontrar alguma irregularidade que desse margem ao fechamento do lugar. Sempre com muita astúcia, Mãe Ireninha driblava essas autoridades e contornava qualquer situação que viesse prejudicar o funcionamento da Tenda, das ações assistenciais e dos encontros políticos ali realizados.

Ela sempre foi uma mediadora para todas essas situações. Era procurada com permanentemente por diversas pessoas de diferentes níveis sociais, as quais solicitavam sua ajuda para resolver vários tipos de pendências. Quando as questões eram de foro social, ligada às condições materiais das famílias, ela ia pessoalmente falar com as autoridades a fim de auxiliar aos necessitados. Foram inúmeras as certidões de nascimento, os sepultamentos, as cestas básicas, e tantos outros pedidos que ajudou a concretizar. Algumas vezes ela mesma atendia as necessidades da comunidade fazendo trabalhos de parteira, dando toda assistência para a mãe e para o bebê.

A comunidade política também era assídua nos trabalhos mediúnicos da Tenda, o que facilitava o trânsito de Mãe Ireninha pelo meio político local e também na busca de ajudas para suas causas de caridade. Políticos como o vereador Dr. Homero Santos, João Pedro Gustim e Renato de Freitas eram vistos, diariamente adentrando os espaços do Terreiro.

Ela assumiu um papel importante no empoderamento feminino em Uberlândia.

Não existia causa perdida para ela. Sua diplomacia e capacidade argumentativa lhe colocava a frente de seu tempo como mulher e religiosa. Nos trabalhos mediúnicos e de caridade sempre foi auxiliada por sua filha, suas sobrinhas e médiuns da Casa. Foi para a filha Maria do Rosário que o legado da caridade e da Umbanda



Irene Rosa e Maria do Rosário com autoridades políticas (Dr. Homero Santos, João Pedro Gustim e Renato de Freitas) durante evento festivo no Terreiro Acervo: Tenda Coração de Jesus

Maria do Rosário trabalhou com sua mãe carnal e espiritual dentro do Terreiro, desenvolvendo sua mediunidade e realizando o benzimento infantil. Assumiu a Tenda junto com seu esposo Vicente Arantes após o desencarne de sua mãe em 1975. No entanto, devido a muitas enfermidades desencadeadas pelo diabetes perdeu a visão aos cinquenta anos de idade. Por esse motivo teve que se afastar do comando do Terreiro, mas suas atividades mediúnicas continuaram. Diferente de sua mãe, Maria do Rosário teve quatorze filhos e ainda adotou mais um. Dentre esses filhos que sobreviveram temos Maria Irene Arantes, Marlene Arantes, Janaine Arantes, Joana Batista Arantes e Luciano Arantes (filho adotivo).

Maria do Rosário era uma mulher de poucas palavras, mas muito observadora que mesmo acometida pela cegueira não se deixou abater exercitando a sua



Vicente Arantes e Maria do Rosário
Acervo: Tenda Coração de Jesus

espiritualidade e transmitindo seus conhecimentos mediúnicos aos netos. Se os olhos são as janelas da alma, minha avó sabia muito bem enxergar por ela, pois com toques e carícias nos passava muita serenidade e afeto. A segurança naquilo que nos ensinava era outra característica fundamental dessa mulher.

Sempre fui muito ligada a ela e como disse no início do texto eu era os seus olhos e ela o meu porto seguro. Mesmo não enxergando seu olhar era penetrante como os feixes de luzes que irradiam do sol, energia que me alimentava e me ligava a ela, pois sempre estava ao seu lado. A sua sensatez foi tamanha assim como a sua preocupação em perpetuar todos os saberes herdados num momento em que não se podia esmorecer.

Por isso, teve o discernimento de deixar a Casa fundada pela Mãe temporariamente aos cuidados de Roque Silva por ser próximo e engajado com o legado até ali construído. Ela sabia que mais cedo ou mais tarde até uma de suas filhas carnais estariam preparadas pela espiritualidade para assumir a missão que naquele momento ela repassava. A escolhida para dar continuidade aos trabalhos como zeladora do Santo foi sua filha Maria Irene, atualmente conhecida como Mãe Irene de Nanã, escolha que Maria do Rosário já sabia desde quando sua filha era bastante pequena, porém deixou que a espiritualidade viesse confirmar. Maria Irene é a atual zeladora da Tenda Coração de Jesus.



Roque Silva “Pai Roque”
Acervo: Tenda Coração de Jesus

Mãe Irene de Nanã quando perguntada sobre o papel assumido à frente da Tenda Coração de Jesus não titubeia em responder que é “uma mulher de fé e que acredita nas forças espirituais e entende que tudo tem um porquê e uma explicação além de nós”.

Quando Maria do Rosário estava grávida de Maria Irene caiu uma forte chuva com rajadas de vento e raios na cidade. Um desses raios veio a cair no quintal de sua casa, após o susto ela percebeu que a criança em seu ventre não mexia mais. Irene Rosa levou sua filha Maria do Rosário ao médico e o mesmo disse que se a criança nascesse, seria surda ou muda. Por mais que aquelas palavras lhe afetassem profundamente não se deixou abater.

Buscando auxílio na espiritualidade ela pediu ajuda ao Preto Velho Pai João da Bahia que fez um trabalho espiritual salvando mãe e filha. Por esse motivo Irene Rosa fez um voto para Nossa Senhora das Graças que vestiria de branco e azul aquela criança até a idade de 7 anos. No entanto, o Preto Velho disse que aquela criança nasceria perfeita e que seria muito importante para ele no futuro. Isso se concretizou confirmando a força desse mentor espiritual na trajetória dessas mulheres.



Mãe Irene de Nanã – Atual zeladora da Tenda Coração de Jesus
Acervo: Tenda Coração de Jesus

Mãe Ireninha acostumava nos narrar vários episódios envolvendo Pai João da Bahia e seu papel curador. Um dos casos mais impressionantes foi o de Maria do Carmo Marcelino que ainda muito pequena teve 90% de seu corpo queimado. Como a família não tinha condições de pagar médicos e custear o tratamento ela foi levada para o terreiro. Ali recebeu o auxílio material e espiritual e teve suas enfermidades curadas. Desde então ela nunca abandonou a Casa e é uma das médiuns mais antigas e, conhecida na Tenda como “Maria do Pai João”. Segundo ela mesma narra: “[...] eu me queimei quando criança, a minha mãe me deu pro Pai João. Todo mundo falou que eu ia morrer e eu não morri, porque ela me deu pro Pai João. O Pai João fez um remédio pra mim e hoje eu tô aqui com 75 anos”.

Essa fala nos leva a entender que a fé é algo inexplicável, pois nesses casos em que a medicina diz que não há nada mais a fazer senão esperar a morte, a espiritualidade atua de acordo com a fé de cada sujeito, interferindo naquele processo e auxiliando na cura daquela enfermidade. O terreiro sempre é procurado pelas pessoas nas mais diversas situações e aflições. Desde a sua inauguração com Mãe Ireninha em 1947 até 1975, depois com Mãe Maria do Rosário e Pai Vicente em 1975, Pai Roque de 1975 até 1997 e de 1997 até hoje na gestão de Mãe Irene de Nanã, a Tenda é sempre procurada por pessoas que não alcançam êxito na solução de seus problemas, em especial no

campo da saúde. Desse modo a atuação do astral consegue interferir e amenizar ou sanar essas enfermidades ou problemas de acordo com o merecimento de cada um.

A Umbanda exerce na vida de muitas pessoas diferentes papéis. Ao procurarem essa religião vão em busca da resolução de um problema, de uma palavra amiga, de um conforto ou da paz interior. O terreiro representa o lugar desse apoio material e espiritual, independente da pessoa e de sua situação financeira todos são atendidos da mesma maneira.

É por esse motivo que, ao completar 72 anos de funcionamento, a Tenda Coração de Jesus tem propagado a fé e a caridade por meio das muitas Casas que se ramificaram dos ensinamentos plantados por essas mulheres de fé. Na cidade são sete terreiros que trabalham com o mesmo princípio umbandista da Tenda Coração de Jesus, são elas:

- Tenda São Lázaro Força e União de Pai Domingos da Guiné sob a orientação de Mãe Maria das Graças de Oxosse e Mãe Selma de Nanã
- Tenda Pai Cambinda e Caboclo Cobra Coral sob a orientação de Pai Rogério de Nanã
- Tenda Pai Oxalá e Pai Joaquim de Aruanda sob a orientação de Pai Danilo de Xangô
- Tenda Pai Tomaz e Caboclo Samambaia sob a orientação de Pai Luciano de Nanã
- Tenda Pai Francisco de Aruanda sob a orientação de Pai Francimário de Oxosse
- Tenda Caminhos de Oxalá e Pai Joaquim de Aruanda sob a orientação de Pai Marcelo de Ogum
- Tenda Pai Benedito e Mãe Sofia sob a responsabilidade de Mãe Fernanda de Oxosse e Pai Lúcio de Xangô
- Tenda do Caboclo Suri sob a responsabilidade de Mãe Maria do Rosário de Oxosse, na cidade de São Paulo/SP
- Tenda Umbandista Filhos de Lázaro sob a responsabilidade de Pai Marcelo de Omulu, na cidade de Goiânia/GO

A Tenda Coração de Jesus, comandada pela Mãe Irene de Nanã tem como princípio a manutenção dos valores e pertencimentos herdados de suas matriarcas. É por isso que a Casa é também auxiliada pelas irmãs, filhas e sobrinhas carnis de Mãe Irene sendo: Mãe Mirelli de Oxosse, Mãe Janaine de Iemanjá, Mãe Joana de Nanã, Mãe Maria do Carmo de Iemanjá, Mãe Sabrina de Iemanjá, Mãe Marlene de Xangô, Mãe Káina de Xangô Pai Fausto de Omulu, Pai Nestor de Ogum, Pai Henrique de Xangô e Mãe Dircirene de Iemanjá.



Cerimônia Rosa dos Ventos com os Pais e Mães da Tenda
Acervo: Tenda Coração de Jesus

As lembranças trazidas à tona pela vivência no chão do terreiro só reforçam a capacidade de atualizar os vínculos familiares. A família é o que move e moveu a nossa permanência na Umbanda praticando a caridade e elevando os sentidos e significados de ser umbandista.

Diante disso, é válido destacar que a forma de reler essas histórias, muitas vividas e outras contadas por quem às viveu, tem suporte importante na manutenção de minhas memórias afetivas e de minha história de vida. E, por mais que a polifonia existente nas vozes que contam e recontam essas histórias se entrecruzam às múltiplas possibilidades interpretativas, temperando os (des) encontros dessas muitas falas, em que tanto os sentimentos como os ressentimentos são os fios condutores de muitas histórias que se conectam a outras narrativas, e até mesmo, alimentando à própria vida de cada sujeito, só vem a referendar o meu protagonismo como narradora, personagem e

coadjuvante de tantas lembranças e recordações que giram em torno dessas mulheres de fé.

Eu sempre vivi dentro da Tenda Coração de Jesus, cresci aos sons dos tambores e das brincadeiras dos erês. Assim como minhas irmãs e primos tivemos um aprendizado de vida com os Pretos Velhos e Caboclos. Desde muito criança líamos livros sobre a história do processo de escravização dos negros no Brasil e aquilo nos incomodava.

As histórias que ouvíamos dos Pretos Velhos era muito diferente do que era retratado ali, nos livros. Nas rodas de conversas feitas no terreiro, seja com o Pai João ou com qualquer outra entidade que estivesse em terra sempre uma nova história totalmente diferente da versão oficial era partilhada. Na maioria das histórias relatadas por eles se falava de resistência por parte dos negros africanos, das fugas, da desobediência as ordens dos feitores. Eles falavam que resistiam ao trabalho dando muitos prejuízos aos senhores, envenenando gados e queimando as plantações.

A luta pela liberdade sempre foi um objetivo a ser alcançado. Quando entrei para a Universidade, no curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia é que encontrei vários autores que falavam dessa resistência dos negros. Mas, bem antes, a Umbanda já servia como norte dessa desconstrução factual e do silenciamento dos meus ancestrais.

Fazendo parte como bolsista do Projeto Mulheres de Fé e de Festa, pude me aprofundar nessa pesquisa e compreender as entrelinhas da minha própria história. Pude analisar que existem mais terreiros de Umbanda e Candomblé do que Igrejas Católicas e nesse aspecto que considero que nos terreiros, a miscigenação está presente assim como na cidade. Os sons dos atabaques são ouvidos por toda cidade mesmo que muitos tentem silenciar-los. E na Tenda Coração de Jesus e os Orixás e divindades ali cultuados falam em cores, gestos, musicalidades e expressões corporais, reverberando o amor e a caridade, já que ali nossa ancestralidade é chamada quando entoamos:

A Tenda Coração de Jesus, é uma casa repleta de amor
Sustentada pela fé e a esperança e coberta com o branco de Oxalá
É quem nos guia E a coroa que navegou
No horizonte, gigante mar
Foi selado o seu destino na Bahia dos orixás
E viveu como um aluno, hoje é mestre a ensinar
E um filho só não aprende quando não sabe se respeitar
Foi na mesa que Pai João veio buscar
Os irmãos para a missão resgatar
A Umbanda terra fértil veio plantar, a semente a paz de lá
Brilha o sol, clareia a lua e gira o ar
Abre as portas de Aruanda vem pra cá
Só o velho tem a chave do despertar
Rei jardineiro de Obatalá.”

Autor: (Pai Henrique de Xangô)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as obras relatadas nesse projeto, podemos observar através de cada autor que a Umbanda possui um papel importante que resultou em muitas análises e interpretações no decorrer do século XX.

Para exemplificar, temos Arthur Ramos dizendo que a umbanda não seria uma modalidade religiosa e sim um nome de origem quimbundo que indica sacerdote responsável pela invocação dos espíritos. Já Roger Bastide valoriza as religiões africanas e entende que o pensamento africano era um pensamento culto. Dessa maneira, as obras escritas constroem um debate do que a Umbanda representaria. Luta de classes, resistência, caridade, valorização da cultura africana e construção de uma religião brasileira. A umbanda seria um universo simbólico de diversos significados, no entanto resumida em um só culto brasileiro. Através de escritores locais a Tenda Coração de Jesus também é pesquisada por sua formação na cidade de Uberlândia no início da década de 1940.

As memórias traduzidas da Tenda Coração Jesus são relatadas de maneira a compreender, respeitar e valorizar as experiências vividas naquele lugar. Valorizar as experiências passadas, na tentativa de manter todos os ensinamentos e valores que fizeram da Umbanda a religião de hoje. Trago para a narrativa minhas experiências tanto de adepta ao culto quanto de pesquisadora. Reconhecer traços, pensamentos e importância da Umbanda na organização e segurança dos moradores de Uberlândia. Esse feito foi realizado por Irene Rosa que conseguiu através de um sistema de comunhão agregar pessoas dando-lhes assistência material e espiritual.

Após a análise desse trabalho é possível concluir que a Umbanda não é uma religião enraizada. Desde o começo de seus estudos ela se mostrou em constante movimentação e interpretação. As questões colocadas pelos autores levam a uma reflexão acerca do que realmente seria a Umbanda e quais seriam os seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. “A imagem de Proust”. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, volume 1).
- BERGSON, H. Matéria e Memória. **Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução: Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).
- BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda?** Editora Brasiliense, 1985.
- BROWN, Diana. **O papel histórico da classe média na Umbanda. Religião e Sociedade**, São Paulo, v. 1, maio 1977 (Não Paginado).
- CAMARGO, Cândido Procópio. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CARNEIRO, Edison. **Religiões Negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. _____. **Negros Bantos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. _____. **Candomblés da Bahia**. 6ª Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- CARNEIRO, Edison. **Religiões negras: negros bantos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CONCONE, Maria Helena Villas Boas. **Umbanda – Uma religião brasileira**. São Paulo, FFLCH/USP-CERU, 1987.
- CUNHA, Roberta Lourenço. **A formação da Umbanda em Uberlândia: Um estudo comparativo entre terreiros (1974/2009)**. Uberlândia. 2010.
- FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras**. Cadernos de Pesquisa. UFMA, v. 10, p. 19-28.1999, 1999.
- GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro**. Caminhos da alma: memória afro-brasileira, p. 183-217, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1997.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi Assim que me Contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO, 1940-2003)**. Tese (doutorado em História), Universidade de Brasília, 2009.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; PUGA, Vera Lucia. **Mulheres de fé: Urdiduras no Candomblé e na Umbanda**. Uberlândia: Composer, 2018

LAPASSADE, Georges; e LUZ, Marco Aurélio. **O Segredo da Macumba**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LOPES, Rodrigo Barbosa. **Olhares sobre a Umbanda: O cultuar de orixás na e pela cidade de Uberlândia (1930/1940 e 1990/200)**. UBERLÂNDIA,

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. In: Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. 1992.

MUNANGA, Kabengele; MANZOCHI, HelmyManzur; DOS SANTOS, Antonia de Lourdes. **100 anos de Bibliografia sobre o Negro no Brasil**. Fundação Cultural Palmares/MinC, 2000.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. Edusp, 1996.

OLIVEIRA, José Henrique Motta. **A Escrita do Sagrado na literatura Umbandista: uma análise da obra de Matta e Silva em perspectiva comparada**. Rio de Janeiro. 2017.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. Ed. Brasiliense, 1991.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do não esquecimento – cultura popular e processos de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.73. PROUST, M. No Caminho de Swann. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 1).

PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX**. Tempo Social, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1990.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PECHMAN, Tema. Umbanda e política no Rio de Janeiro. **Religião e Sociedade**, São Paulo, n. 8, p. 37-44, Jul. 1982.

PEREIRA, João Baptista Borges. Prefácio. In: CONCONE. **Umbanda – uma religião brasileira**. São Paulo, FFLCH/USP-CERU, 1987; p. 7-8.

RAMOS, Artur. O Negro Brasileiro. Rio de Janeiro: 2ª Ed. São Paulo: Cia. Nacional, 1940.

RICOEUR, Paul. A Memória, a história e o Esquecimento. Tradução de: Alain François e outros. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. _____. Tempo e Narrativa. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Papyrus, 1994

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas dos Orixás**. 4ª Ed. Salvador: Currupio, 1997.